

MANUAL ESCOLAS DE CAMPO EM ANGOLA



MANUAL

**ESCOLAS DE CAMPO
EM ANGOLA**

As designações utilizadas e a apresentação de material neste produto de informação não implicam a expressão de nenhuma opinião por parte da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) relativamente ao estatuto jurídico ou de desenvolvimento de qualquer país, território, cidade ou zona ou das suas autoridades, ou relativamente à delimitação das suas fronteiras ou fronteiras. A menção de empresas ou produtos específicos de fabricantes, quer tenham ou não sido patenteados, não implica que estes tenham sido endossados ou recomendados pela FAO em preferência a outros de natureza semelhante que não sejam mencionados.

Os pontos de vista expressos neste produto de informação são os do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente os pontos de vista ou políticas da FAO.

© FAO, 2021

A FAO incentiva a utilização, reprodução e disseminação de material neste produto de informação. Salvo indicação em contrário, o material pode ser copiado, descarregado e impresso para fins privados de estudo, investigação e ensino, ou para utilização em produtos ou serviços não comerciais, desde que seja dado o devido reconhecimento à FAO como fonte e detentor dos direitos de autor e que o aval da FAO às opiniões, produtos ou serviços dos utilizadores não esteja de modo algum implícito.

Todos os pedidos de direitos de tradução e adaptação, e de revenda e outros direitos de utilização comercial devem ser feitos via www.fao.org/contact-us/licencerequest ou endereçados a copyright@fao.org.

Os produtos de informação da FAO estão disponíveis no sítio web da FAO (www.fao.org/publications) e podem ser adquiridos através de publications-sales@fao.org.

Crédito da imagem da capa: © FAO/Estevão Benedito

Conteúdos

Agradecimentos	6	Definição dos objectivos estratégicos	35
Prefácio	7	Âmbito geográfico	36
Sobre este Manual	8	Instituições, parcerias e comunidades	36
Acrónimos	9	Criação das capacidades humanas	37
		Diagnóstico Rural Participativo	41
		Expansão dos programas ECA	43
		Indicadores de sucesso	44
<hr/>			
1. Por que Escolas de Campo de Agricultores?	11	4. Sessões e ciclos de aprendizagem	47
As ECAs no mundo e o papel da FAO	13	Criação e gestão dos grupos ECA	49
As ECAs no contexto de Angola	13	Definição curricular e plano de capacitação	50
Impactos das ECAs	18	Ciclos de aprendizagem	51
As ECAs e os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável	19	Actividades das sessões de aprendizagem	53
		Actividades adicionais	55
<hr/>			
2. Fundamentos das Escolas de Campo	21	5. Monitoria e Avaliação	57
O que são as ECAs em Angola?	23	Monitoria e Avaliação: o que são?	59
Grupos ECA e locais de encontro	23	Elementos básicos de Monitoria e Avaliação	61
Principais actividades de aprendizagem	23	Tecnologias da informação	63
Actores principais	24	Actores na Monitoria e Avaliação das ECAs	64
Fases de implementação	25	Rumo a um sistema nacional de M&A ECAs	65
Princípios e características da metodologia ECA	26		
Monitoria e Avaliação	29		
Elementos não negociáveis de qualidade	29		
<hr/>			
3. Concepção e preparação de um programa ECA	33	6. Orçamento para um programa ECA	67
		Requisitos orçamentais de um programa ECA	68

Agradecimentos

Governo de Angola

António Francisco de Assis, Ministro da Agricultura e Pescas de Angola (MINAGRIP)
João Manuel Bartolomeu da Cunha, Secretário de Estado para a Agricultura e Pecuária (MINAGRIP)
David Tunga, Director do Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA) do MINAGRIP
As Administrações Municipais e Comunas das Províncias do Huambo, Bié e Malanje

FAO Angola

Gherda Barreto Cajina, Representante da FAO em Angola
Anastácio Gonçalves, Assistente de Programa da Representante da FAO Angola
Otilia Cassabalo, Assistente de Administração a.i da Representante da FAO Angola
Josina Amado Jacinto, Oficial de Operações da FAO Angola

Autoria e revisão técnica

Rubén Martínez Rodríguez, César Valencia Cabrera, Cyprien Ndambi Ndoki, Rosângela Pezza Cintrão,
João Vintem, José Batuque, José Faustino, Jorge Hotel, Rogério Rosa, Txaran Basterrechea,
Lisa Angeli, Adolfo Hurtado Diaz e Inmaculada Del Pino.

Equipas do terreno

Celestino Essuvo, Figueiredo Lourenço, Ilídio da Silva, Gonçalo Quituxi, Romeu Andre, Lucamba Antonio,
Nilson Dos Santos, redes dos Formadores Mestre, equipa técnica do IDA e EDAs, Facilitadores e
participantes das turmas das ECAs dos projectos MOSAP II, IRCEA, SAMAP, FRESAN

Contribuições

Abram J. Bicksler, Oficial de Agricultura, FAO Roma

Desenho e Diagramação

Cátia Marinheiro, Oficial de Comunicação FAO Angola
João Carlos Domingos, Desenhador gráfico FAO Angola
Roger Sospedra, Desenho
José Dias, Ilustrações

Fotografia da capa

© FAO/Estevão Benedito

O agradecimento especial vai para as camponesas, os camponeses, os técnicos das instituições do governo e as ONGs que tem estado envolvidos no desenvolvimento das Escolas de Campo em Angola.

Prefácio

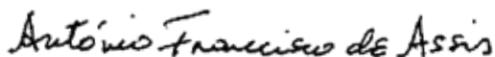
Marcámos, em 2020, 15 anos desde a introdução das primeiras Escolas de Campo de Agricultores (ECAs) em Angola ao abrigo da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Essas primeiras experiências-piloto nas províncias de Uíge e Malanje demonstraram o potencial das ECAs como uma metodologia para melhorar as condições de vida dos agricultores, especialmente dos mais vulneráveis.

Muito mudou desde então, tanto em Angola como no mundo. Temos uma compreensão crescente dos desafios que estamos a enfrentar na transformação de sistemas alimentares mais eficientes e inclusivos que consigam uma melhor adaptação às mudanças climáticas e ajudem a promover a diversificação económica do país com maior desenvolvimento dos sectores da agricultura, pecuária, pesca e silvicultura. Para além de todos estes desafios com que temos de conviver e nos adaptar há vários anos, juntaram-se os desafios decorrentes da pandemia global causada pela COVID-19.

As Escolas de Campo são plataformas de inovação reais e eficazes para o desenvolvimento rural, ao combinar a sabedoria local com as melhores práticas de agricultura disponíveis. Do mesmo modo, as ECAs são espaços de transformação dos sistemas alimentares, empoderamento social e crescimento económico para as comunidades, nas quais agricultores e agricultoras são os protagonistas do desenvolvimento, avançando para a realização dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável.

Este Manual das Escolas de Campo (ECAs) em Angola apresenta, de forma renovada e actualizada, as bases, princípios e elementos fundamentais da metodologia ECAs, com o objectivo de harmonizar o futuro desenvolvimento e institucionalização dos programas de Escolas de Campo no país.

No Ministério da Agricultura e Pescas e na FAO, estamos convencidos da enorme contribuição das ECAs para a vida dos agricultores, suas famílias e comunidades, no sentido de avançar no crescimento económico sustentável, na segurança alimentar e nutricional, erradicar a fome e a pobreza sem deixar ninguém para trás.



António Francisco de Assis
MINISTRO DA AGRICULTURA E PESCAS

Sobre este Manual

Este Manual de Escolas de Campo em Angola têm dois objectivos principais:

- **Definir e caracterizar a metodologia** para a institucionalização das Escolas de Campo como plataforma para o desenvolvimento rural sustentável do país.
- **Fornecer suporte técnico-metodológico** às instituições e pessoas responsáveis pela implementação da metodologia.

Este Manual pretende ser o primeiro de uma colecção que será composta por vários volumes e incluirá materiais metodológicos e temáticos voltados para dar suporte ao processo de implementação e acompanhamento das Escolas de Campo em Angola.

A elaboração deste Manual teve como referência um conjunto de aprendizagens e materiais das equipas técnicas da FAO Angola ao longo dos 15 anos de experiência com as ECAs e o *Documento de orientação para Escola de Campo de Agricultores – Planificação para a melhoria da qualidade dos programas*, publicado pela FAO em 2017.

A quem se destina este Manual

O presente Manual destina-se às diferentes audiências e actores envolvidos no desenho, implementação, monitoria e de Escolas de Campo de Agricultores (ECAs) em Angola e será de particular interesse para:

- **Autoridades governamentais e instituições de desenvolvimento rural.** Para os técnicos e extensionistas do Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA) e suas Estações de Desenvolvimento Agrário (EDAs), assim como

para o pessoal do Ministério da Agricultura e Pescas (MINAGRIP) e outros departamentos relevantes, o Manual esclarece as contribuições potenciais das ECAs à prestação de serviços de extensão.

- **Organizações não-governamentais ou comunitárias.** O Manual detalha as condições necessárias para uma implementação de sucesso e com a qualidade requerida.
- **Formadores Mestre.** Este Manual orienta-os nas bases da metodologia das ECAs, nos recursos humanos relevantes, na qualidade dos programas de treinamento e nos materiais de apoio para a implementação.
- **Académicos e estudantes.** Poderão compreender melhor a importância, justificação e implementação das ECAs.

Estrutura do Manual

O **Capítulo 1** (Por que Escolas de Campo de Agricultores?) apresenta a história recente das ECAs no mundo e o seu papel no desenvolvimento rural. Os Fundamentos da metodologia ECA são apresentados no **Capítulo 2**. O **Capítulo 3** (Concepção e preparação de um programa ECA) foca nos passos iniciais da implementação de um programa ECA. O processo de aprendizagem é descrito no **Capítulo 4** (Sessões e ciclos de aprendizagem). O **Capítulo 5** cobre os aspectos-chave da Monitoria e Avaliação das ECAs. Os aspectos orçamentais são abordados no **Capítulo 6** (Orçamento para um programa ECA).

Acrónimos

ASAE	Análise do Sistema Agro-Ecológico
DRP	Diagnóstico Rural Participativo
ECAs	Escolas de Campo de Agricultores
EDAs	Estações de Desenvolvimento Agrário
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FdF	Formação de Facilitadores
IDA	Instituto de Desenvolvimento Agrário
M&A	Monitoria e Avaliação
MINAGRIP	Ministério da Agricultura e Pescas





© FAO

1

**Por que Escolas
de Campo de
Agricultores?**

Por que Escolas de Campo de Agricultores?

Este capítulo discute a origem histórica das ECAs no mundo, o seu percurso em Angola e a sua importância como plataformas para o desenvolvimento rural e a inovação.



As ECAs no mundo e o papel da FAO

A metodologia das Escolas de Campo de Agricultores (ECAs) surgiu no final dos anos 1980 no Sudeste Asiático. Nessa altura, pragas devastadoras relacionadas com o uso excessivo de pesticidas químicos nas lavras de arroz ameaçavam a **segurança alimentar** de vários países.

As práticas convencionais de extensão rural, baseadas principalmente em transferências de tecnologia, não ofereceram soluções para esta situação. Era necessário reinventar estratégias e conteúdos.

Os primeiros programas ECA focaram no Maneio Integrado de Pragas, uma abordagem ecossistémica que integra diferentes métodos para maximizar os mecanismos naturais de controlo de pragas e minimizar os riscos para a saúde humana e para os ecossistemas decorrentes da utilização de pesticidas de origem industrial.

A metodologia ECA demonstrou ser eficaz na abordagem de situações complexas e na capacitação dos agricultores para observar, analisar, diagnosticar, experimentar e agir no momento certo. Tornaram-se capazes de adaptar soluções e melhorar a tomada de decisões baseada nas condições locais.

Ao mesmo tempo, as ECAs promoveram a organização e o desenvolvimento e acção das comunidades. O processo de aprendizagem foi capaz de se adaptar para incluir de relevância local além dos aspectos técnicos.

O sucesso das ECAs levaram a FAO a assumir a liderança no aperfeiçoamento da metodologia e na sua multiplicação para as áreas rurais de vários países da Ásia, América Latina e África.

Actualmente, mais de 90 países usam ECAs com um importante aumento no interesse por parte dos governos, organizações não governamentais, agências técnicas e o sector privado. Neste processo, as ECAs foram incorporando novas problemáticas, públicos específicos e temáticas sociais.

O desenvolvimento e expansão da metodologia e as mudanças que trouxe a milhões de agricultores em todo o mundo é um dos melhores exemplos da cooperação Sul-Sul apoiada pela FAO.

As ECAs no contexto de Angola

As primeiras ECAs em Angola foram criadas em 2005 graças ao trabalho conjunto do IDA, da FAO e da cooperação internacional.

CONCEITO

Segurança alimentar

Inicialmente, o termo segurança alimentar referia-se principalmente à necessidade de aumentar a capacidade de produção de alimentos. No entanto, o conceito evoluiu para incorporar aspectos adicionais.

Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos reconheceu a alimentação como um dos direitos humanos básicos. A Declaração de Roma de 1996 reflecte a definição de segurança alimentar agora aceite internacionalmente, que Angola adoptou já em 2009 na Estratégia Nacional de Segurança Alimentar: *“existe segurança alimentar quando as pessoas têm, de forma permanente, acesso físico e económico a alimentos seguros, nutritivos e suficientes para satisfazer as suas necessidades dietéticas e preferências alimentares, a fim de levarem uma vida activa e saudável”*.

Escolas de Campo de Agricultores em Angola

15 anos de história e experiência

2005 e 2006

ECAs introduzidas em Angola

- Primeiras ECAs implementadas através da assistência alimentar emergencial do Conselho Dinamarquês para os Refugiados, a FAO e Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente.
- As ECAs melhoram o cultivo da mandioca em Malanje e Uíge.



2006 até 2012

Expansão das ECAs no Planalto Central

- ECAs implementadas nas províncias de Bié e Huambo através do Projecto Especial de Segurança Alimentar (PESA), com a colaboração da FAO, o IDA e a cooperação espanhola.
- As novas ECAs concentram-se no Maneio Integrado de Pragas em culturas básicas como milho, feijão e mandioca.
- Primeiras capacidades nacionais: formação de Formadores Mestre e publicação dos primeiros manuais de ECAs escritos em Angola.
- O Governo começa a reconhecer as ECAs como uma plataforma para a melhoria da agricultura familiar e da segurança alimentar, diferenciando-a dos serviços convencionais de extensão rural.



2013 até 2017

Multiplicação e consolidação da metodologia ECA

- A experiência recente, o interesse crescente das autoridades e os bons resultados facilitam que múltiplos projectos (MOSAP, SADCP, RETESA, IRCEA, PIRAN) apostem na metodologia ECA.
- A diversidade de temas trabalhados nas ECAs é ampliada: sistemas pastoris, demarcação de terras, adaptação às alterações climáticas, comercialização, etc.
- Os primeiros passos são dados no sentido de uma maior integração da metodologia ECA no planeamento do desenvolvimento rural por parte do governo.



2018 até o presente

Institucionalização das ECAs

- A existência de ECAs avançadas permite aprofundar em temas de cooperativismo, associativismo e comercialização agrícola, reforçando assim a segurança alimentar e nutricional.
- Projectos como o MOSAP II, SAMAP, IRCEA e FRESAN continuam a expandir a base e o escopo das ECAs no país.
- O Governo reconhece a metodologia ECA no Plano de Desenvolvimento Nacional de 2018 como uma prioridade para promover a agricultura familiar e melhorar o acesso ao mercado.

Desafios da agricultura familiar em Angola

O papel que a agricultura familiar tem na produção, transformação e distribuição de alimentos em Angola é difícil de sobrestimar. Milhões de famílias estão envolvidas na agricultura e na pesca, empregando directa e indirectamente uma grande parte da população do país.

Existem pelo menos três tipos de agricultores familiares (a mesma classificação pode ser aplicada no sub-sector da pesca artesanal e da aquicultura):

- **Subsistência.** Os agricultores cultivam culturas alimentares para satisfazer as necessidades de si próprios e das suas famílias. A produção agrícola é orientada para a sobrevivência e destina-se principalmente às necessidades locais, com pouco ou nenhum excedente.
- **Transição.** Uma parte importante da produção é destinada à transformação e/ou comercialização, processos em consolidação gradual.
- **Consolidados.** A produção, transformação e comercialização são orientadas e integradas nos mercados.

A produção agropecuária e pesca familiar tem enfrentado sérios desafios para o seu desenvolvimento, como acesso seguro e equitativo da terra, água, pouca cobertura geral de assistência técnica, facilidades de crédito, reduzido conhecimento, falta de disponibilidade de factores de produção e artefactos de pesca a preços competitivos.

A integração de actores e o investimento ao longo das cadeias de valor tem de permitir melhorar o ambiente para fazer negócio na produção agropecuária e ultrapassar limitações tais como a carência de infraestruturas de



armazenamento, congelação e processamento para obter preços mais competitivos, limitados investimentos em tecnologias e inovações.

ECAs e desenvolvimento rural do país

Estima-se que as actividades ligadas à produção de alimentos, agricultura, criação animal, pastoreio e pesca constituem a base de subsistência para três em cada quatro angolanos e são ainda muito importantes na geração de rendimentos, ocupação e fornecimento de alimentos.

As mulheres rurais representam 70 por cento da mão-de-obra rural e são fundamentais na manutenção da segurança alimentar doméstica, bem como na produção, transformação e preparação doméstica de alimentos. Porém, as mulheres rurais enfrentam desafios diversos tais como o acesso limitado à propriedade da terra, aos serviços de extensão rural, aos mecanismos financeiros, aos recursos produtivos e às actividades geradoras de rendimentos e de poupança.

As ECAs são uma resposta testada, eficaz e viável a estas realidades, uma vez que são especialmente orientadas para os produtores mais vulneráveis. A metodologia ECAs contribui com processos inclusivos de apoio a pequenos agricultores, muitas vezes com acesso limitado à educação formal, informação, mercados e serviços financeiros. Ao mesmo tempo, como utilizadores da terra, são os maiores guardiões dos recursos naturais, e têm um papel-chave na gestão da biodiversidade e da paisagem.

O desenvolvimento das capacidades dos participantes não só melhora as suas condições de vida, mas os impactos positivos estendem-se às famílias e às comunidades. A inclusão no currículo das ECAs de temáticas emancipatórias, de género e orientadas para a juventude permite abordar as necessidades e expectativas dos diversos grupos.

Serviços de extensão rural e reconhecimento das ECAs

Os serviços estatais de extensão rural em Angola são prestados pelo MINAGRIP através do IDA, do Instituto de Desenvolvimento Florestal e do Instituto de Serviços Veterinários, entre outros organismos.

A nível provincial, as Direcções Provinciais de Agricultura, que reportam aos Governadores, seguem as orientações técnicas e metodológicas estabelecidas pelo MINAGRIP. Há também superintendências do IDA nas províncias com funções de coordenação e supervisão.

A presença do MINAGRIP e do IDA a nível municipal é especificada nas Direcções Municipais de Agricultura e nas EDAs. Estas últimas representam a presença mais directa do IDA no território, com uma presença em 128 dos 164 municípios de Angola.

O Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022 reconheceu as ECAs como uma ferramenta para o desenvolvimento rural de Angola. O MINAGRIP e o IDA têm assumido um papel de liderança cada vez mais activo nos últimos anos na defesa e no avanço da metodologia ECA, com o objectivo de expandir o âmbito dos serviços de proximidade.

De serviços de extensão a plataformas de inovação para o desenvolvimento

A nível global, os serviços de extensão, especialmente a partir de 1980, adoptaram uma abordagem de “Visita e Formação” baseada na transferência de tecnologia dos investigadores para os agricultores através da comunicação unidireccional. Estas medidas foram muitas vezes tomadas sem ter em conta as condições socio-económicas e culturais locais.

A partir de vários estudos e análises internacionais nos anos 2000, o conceito de transferência de tecnologia do topo para a base foi gradualmente desacreditado.

A abordagem actual parte do princípio de que a sustentabilidade do desenvolvimento rural deve ser apoiada nos processos de inovação social e na disseminação de soluções criadas pelos próprios agricultores em interacção com conhecimentos científicos e tecnológicos.

As ECAs são uma alternativa à extensão convencional. Ao contrário desta, as ECAs procuram redescobrir e revalorizar o saber local como garantia da autonomia e da **resiliência** das comunidades agrícolas rurais. São plataformas de participação activa e de capacitação das famílias produtoras.

A metodologia ECA baseia-se nos princípios da educação informal de adultos e da aprendizagem prática. Estes princípios aplicam-se, não só a questões agrícolas, mas também a outras esferas socioeconómicas, melhorando as condições das comunidades para além da mera melhoria da produção agrícola, pecuária e das pescas.



CONCEITO

Resiliência

Resiliência refere-se à capacidade dos indivíduos, famílias ou comunidades para resistir, recuperar e adaptar-se a situações adversas a fim de melhor enfrentar o futuro. Pode também referir-se à resiliência de um ecossistema, de uma cadeia de valor ou de uma organização.

A resiliência é um valor cada vez mais importante no desenvolvimento e na cooperação, porque reforça a sustentabilidade das intervenções.

Impactos das ECAs

As actividades das ECAs geram múltiplos impactos positivos tanto a nível individual (aqueles que afectam os agricultores participantes) como a nível colectivo (aqueles que beneficiam as comunidades rurais).

As ECAs são espaços de inovação e de geração de conhecimento onde as soluções geradas afectam as quatro dimensões do desenvolvimento: humana, social, natural e económica (Figura 1).

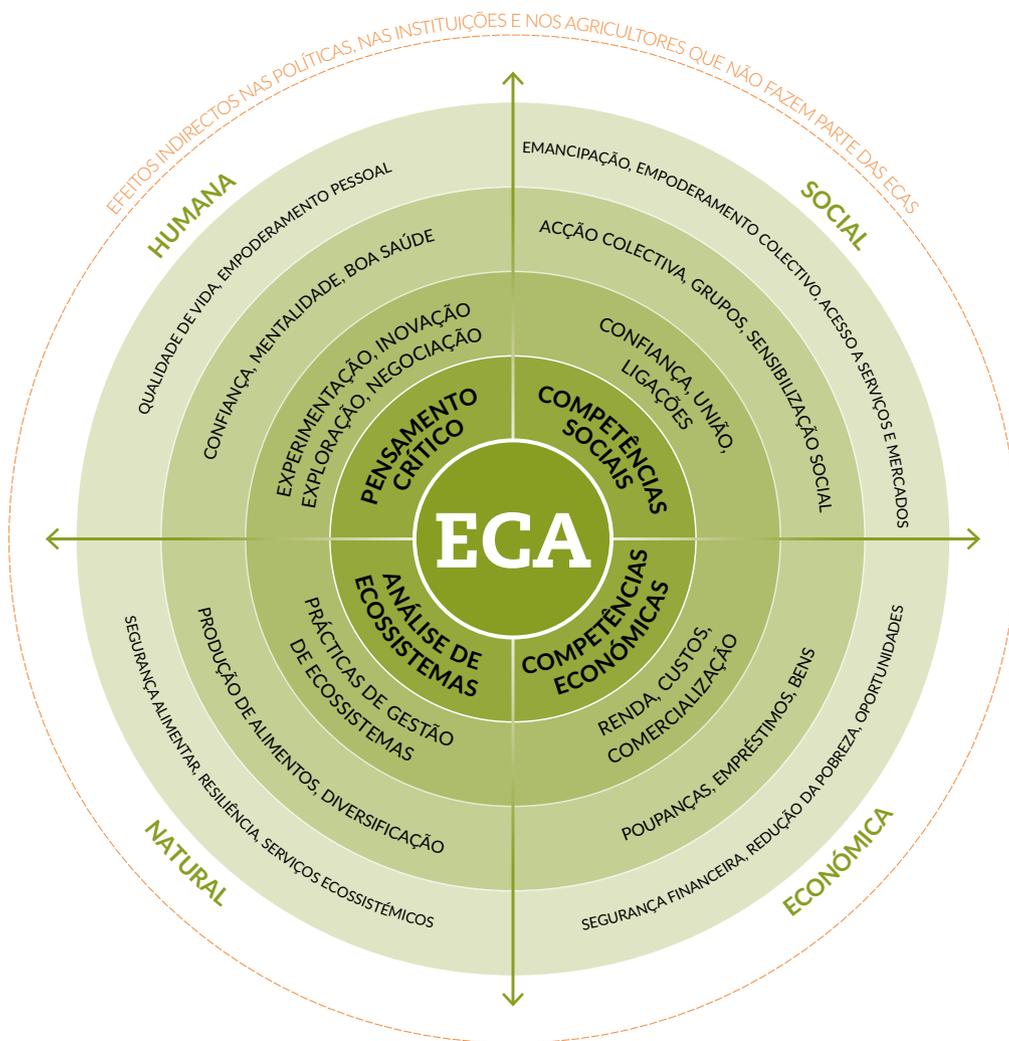


Figura 1. Impactos das ECAs nas quatro dimensões do desenvolvimento.

As ECAs e os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável

Em 2015, 193 Estados Membros das Nações Unidas adoptaram a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

A Agenda orienta as acções dos governos, organizações internacionais, sociedade civil e outras instituições até 2030 para acabar com a pobreza, erradicar a fome, alcançar uma utilização sustentável

dos recursos naturais, reduzir as desigualdades e fortalecer a justiça e a paz. A Agenda é articulada através de 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável que pretendem ser um “*plano para alcançar um futuro melhor e mais sustentável para todos*”.

Como plataformas de formação, inovação e desenvolvimento, as ECAs permitem aos agricultores, pastores e pescadores criar eles próprios soluções eficazes, sustentáveis e apropriadas, contribuindo para a realização dos Objectivos (Figura 2).



Figura 2. Contribuições das ECAs para os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável.





© FAO/Rubén Martínez

2

Fundamentos das Escolas de Campo

Escolas de Campo de Agricultores em Angola

Este capítulo apresenta os elementos fundamentais da metodologia das Escolas de Campo de Agricultores assim como alguns aspectos específicos da mesma em Angola



O que são as ECAs em Angola?

As ECAs são um espaço de aprendizagem continuada, participativa e colectiva, de grupos, associações e/ou cooperativas de agricultura familiar, que visam melhorar as suas condições de vida, através do reforço de capacidades nas práticas agroalimentares sustentáveis e do empoderamento para a toma de decisões, no contexto sociocultural das comunidades rurais de Angola.

As ECAs são “escolas sem paredes” onde os agricultores aprendem-fazendo, observam, analisam, trocam experiências e tomam decisões para resolver os seus problemas individuais e da comunidade.

A ECA assenta nos conhecimentos dos agricultores familiares já existentes e reforça as suas capacidades, através da aprendizagem teórico-prática e análise crítica.

Camponeses e camponesas unidos têm mais poder e força que individualmente e, sobretudo, têm mais capacidade para encontrar soluções para os seus problemas, sendo actores activos do seu próprio desenvolvimento.

Grupos ECA e locais de encontro

Os grupos ECA são constituídos por 20 a 30 agricultores de uma aldeia ou bairro, que se reúnem regularmente cada 7 ou 15 dias durante todo o ciclo de produção no **local de encontro**. Os temas de trabalho e formação partem dos problemas enfrentados pelo grupo e são decididos colectivamente.

O empoderamento por meio da participação activa e a tomada colectiva de decisões é a base das ECAs. Isso fortalece as capacidades de toda a comunidade para ser actores activos do seu próprio desenvolvimento.

Principais actividades de aprendizagem

Análise do Sistema Agro-Ecológico (ASAE)

Os membros analisam as interacções entre culturas e animais e outros factores bióticos e abióticos, como por exemplo a relação entre o crescimento das plantas e as pragas e doenças, ervas daninhas, água, solo e as condições meteorológicas.

DESTAQUE

Local de encontro: o jango

O *jango* é onde acontecem as reuniões semanais dos grupos das ECAs. O *jango* é muito importante na integração e participação do grupo, pelo que tem de ter as características certas para garantir a qualidade da formação:

- **O que:** o desenho do *jango* depende de cada grupo, sendo importante ter comodidade para acomodar os trinta membros do grupo. Em geral, precisa ter sombra e ser agradável para ficar. Pode ser debaixo de uma grande árvore, com assento feitos de troncos, por exemplo.
- **O onde:** para facilitar a participação dos membros, a distância dos locais de morada ao *jango* não deve ser mais do que uma hora de caminho.
- **O como:** deve ter um quadro ou um apoio para fixar cartolinas e cartazes. O espaço de reunião deve ser organizado para as pessoas ficarem em círculo ou em “U”, e não em fileiras. Participar em círculo faz com que as pessoas se vejam melhor umas às outras e favorece as trocas de experiências, que são a proposta metodológica da ECA.

Os membros trabalham em pequenos grupos e recolhem dados sobre as experiências.

Cada grupo prepara um cartaz que resume os resultados, discute a situação observada e apresenta opções de gestão. Todos os membros debatem as opções propostas e chegam a acordo colectivo sobre as melhores, que são depois implementadas nas parcelas experimentais das ECAs.

Para mais detalhes sobre a ASAE, ver o **Capítulo 4**.

Actividades de dinâmica de grupo.

São utilizadas para familiarizar os membros uns com os outros, aprender sobre o trabalho de equipa, estabelecer a confiança mútua e aumentar a coesão do grupo.

Para mais detalhes sobre as actividades de dinâmica de grupo, ver o **Capítulo 4**.

Tópico do dia.

Através do “tópico do dia” os membros adquirem maiores conhecimentos sobre questões específicas que podem abranger questões técnicas ou sociais, como competências básicas de negócio, nutrição, género, VIH-SIDA.

Para mais detalhes sobre o tópico do dia, ver o **Capítulo 4**.

Avaliação da sessão e registo das actividades.

É realizado um exercício de auto-avaliação da sessão e as actividades são registadas para efeitos de documentação, Monitoria e Avaliação.

Para mais detalhes sobre as actividades de avaliação da sessão, ver o **Capítulo 4**.

Actores principais

A implementação de um programa ECA envolve a participação e colaboração de múltiplos actores, instituições e organizações.

Instituições e gestores de programa

As instituições devem definir e organizar os processos, mecanismos e recursos necessários para transformar os objectivos estratégicos de um programa ECA em resultados reais e eficazes de forma atempada.

Os gestores do programa têm a responsabilidade de que a implementação siga os objectivos estratégicos do programa ou intervenção. Devem também assegurar uma utilização realista e eficaz dos recursos humanos, financeiros e de tempo disponíveis.



Para uma implementação de sucesso, é importante que o pessoal institucional e os gestores tenham um conhecimento teórico e prático dos principais aspectos dos programas ECA. Devem estar familiarizados com os princípios orientadores da metodologia, que devem orientar toda a intervenção.

É também crucial que conheçam as necessidades básicas das operações, logística e pessoal durante as fases de preparação, implementação e Monitoria e Avaliação. Devem também estar familiarizados com os impactos e resultados esperados.

É desejável que o pessoal institucional e de gestão de programas tenha sessões de sensibilização e formação sobre os aspectos mencionados anteriormente a fim de garantir uma implementação de qualidade.

Encontrará mais detalhes sobre as Instituições e gestores no **Capítulo 3**.

Agricultores

Cada grupo ECA é formado por 20 a 30 agricultores de uma mesma localidade que participam voluntariamente das sessões e acompanham as actividades realizadas em campo orientadas pelos Facilitadores.



A principal motivação para esta participação é a melhoria dos conhecimentos para aprimorar os seus sistemas de produção e os seus meios de vida.

São responsáveis por definir as temáticas a serem trabalhadas, em função das prioridades identificadas colectivamente.

Encontrará mais informação sobre o papel dos agricultores na definição curricular no **Capítulo 4**.

Facilitadores

Os Facilitadores tem a responsabilidade de apoiar os grupos de ECAs e precisam ter uma formação específica. Os Facilitadores são a ligação entre os Formadores Mestre e os grupos ECAs no terreno.

Idealmente, eles são membros da própria comunidade camponesa, mas também podem ser técnicos extensionistas locais. Os Facilitadores devem entender os princípios da ECA e ter boas competências comunicativas e de liderança, carisma e devem entender os processos de aprendizagem participativos.



Encontrará mais detalhes sobre os Facilitadores, o seu papel e a sua formação no **Capítulo 3**.

Formadores Mestre

Os Formadores Mestre são pessoas com capacidade técnica e com conhecimento em educação de adultos que desenvolvem actividades em instituições de serviços extensão rural. Requerem uma formação rigorosa e intensiva sobre a metodologia ECA.

As três principais responsabilidades dos Formadores Mestre são fornecer orientação às actividades das ECAs, especialmente através do apoio aos Facilitadores; realizar Formações de Facilitadores e efectuar actividades de monitoria, avaliação e documentação.



É essencial que os Formadores Mestre disponham do tempo necessário para desempenhar as suas funções, tenham uma elevada capacidade de facilitação e estejam motivados para ajudar os outros a desenvolverem-se.

Para mais detalhes sobre os Formadores Mestre, ver o **Capítulo 3**.

Fases de implementação

O desenvolvimento de um programa ECA têm três fases principais: a fase preparatória, a implementação das ECAs e a fase de pós-graduação (Figura 3).

Fase preparatória

A fase preparatória inclui a definição estratégica do programa, o inquérito de base, a selecção e formação dos Formadores Mestre e dos Facilitadores, a sensibilização da comunidade e a selecção e criação dos grupos ECA.

Para mais informação sobre a Fase preparatória, ver **Capítulo 3**.



FASE 1. Preparação

Passos principais

1. Definição de objectivos estratégicos e orçamento
2. Definição do âmbito geográfico
3. Plano de Monitoria e Avaliação
4. Formação dos Formadores Mestre
5. Trabalho preparatório no terreno:
 - Contacto com a comunidade e as autoridades locais
 - Análise da linha de base (Diagnóstico Rural Participativo)
 - Identificação e selecção dos Facilitadores
6. Formação dos Facilitadores
7. Criação do grupo ECA:
 - Apresentação da metodologia aos participantes e gestão de expectativas
 - Estabelecimento das ferramentas operativas: Comité de Gestão, Regulamento interno, Caderno, Fundo de Quotização
 - Estabelecimento do *jango* (parcela de aprendizagem)
 - Identificação dos problemas prioritários do grupo
8. Validação e cadastramento do grupo
9. Entrega do Fundo de Reforçamento

FASE 2. Implementação

Passos principais

1. Definição do conteúdo curricular do grupo
2. Sessões regulares de aprendizagem:
 - Análise do Sistema Agro-Ecológico (ASAE)
 - Tópico do dia
 - Dinâmicas de grupo
3. Actividades adicionais:
 - Avaliação da sessão e registo
 - Dias de campo
 - Visitas e trocas de experiência
4. Graduação do grupo



FASE 3. Pós-graduação

Passos principais

1. Revisão das temáticas trabalhadas com o Facilitador
2. Proposta de continuação do grupo: plano de sustentabilidade
3. Actividades para o estabelecimento de redes de ECAs
4. Criação de ECAs de segunda geração
5. Criação e acompanhamento de actividades de geração de rendas:
 - Criação de cooperativas e associações
 - Transformação e comercialização



Figura 3. Visão geral das fases e principais actividades de um programa ECA.

Implementação das ECAs

Os grupos ECA, junto com os Facilitadores, definem os conteúdos que depois são desenvolvidos nas sessões de aprendizagem e que incluem a Análise do Sistema Agro-Ecológico, o tópico do dia e as dinâmicas de grupo.

Durante a implementação, são realizadas actividades adicionais, tais como as trocas de experiências e as visitas de intercâmbio. A fase principal de implementação termina com a graduação.

Ver os ciclos de aprendizagem no [Capítulo 4](#).

Pós-graduação

Uma vez implantadas as bases durante a fase principal de implementação, a fase de pós-graduação permite expandir os impactos do programa.

As ECAs graduadas permitem estabelecer redes de ECAs, criação e acompanhamento de actividades geradoras de renda e do aprofundamento de temáticas socioeconómicas como o cooperativismo ou a transformação alimentar de pequena e média escala.

Pode encontrar mais informação sobre as actividades de pós-graduação no [Capítulo 4](#).

Monitoria e Avaliação

O sucesso de um programa ECA, para além do respeito pelos princípios orientadores da metodologia e de dispor dos recursos humanos e financeiros adequados, depende de forma fundamental de um sistema de Monitoria e Avaliação (M&A) robusto e eficaz.

O sistema de M&A deve ser desenhado em conjunto com o resto de actividades planeadas durante a fase de preparação do programa ECA.

É essencial que todos os actores envolvidos internalizem a necessidade de um bom sistema de M&A como requisito para o sucesso dos programas.

É altamente recomendável a realização de cursos de sensibilização e formação específica sobre M&A para os actores-chave: gestores, pessoal técnico, Formadores Mestre e Facilitadores.

Ver o [Capítulo 5](#) para mais informação sobre a [Monitoria e Avaliação](#).

Elementos não negociáveis de qualidade

Estima-se que 20 milhões de agricultores tenham participado nas ECAs desde a sua criação no Sudeste Asiático há 30 anos. A metodologia foi adaptada a uma multiplicidade de condições agro-ecológicas e sistemas de produção.

Com toda esta experiência acumulada, grupos de profissionais, implementadores e especialistas desenvolveram um conjunto de princípios necessários para o sucesso dos programas de ECAs, os chamados princípios não negociáveis de qualidade:

- **As necessidades dos agricultores orientem as ECAs.** As questões abordadas nas ECAs devem ser seleccionadas e desenvolvidas de acordo com as contribuições dos membros da comunidade e dos grupos ECA. O currículo deve reflectir as lacunas existentes no conhecimento e nas competências da comunidade. O conteúdo baseia-se nos sistemas de conhecimento locais e cria oportunidades para testar e validar conceitos científicos, respondendo a necessidades de aprendizagem locais.
- **A geração de conhecimento é central.** As ECAs são espaços de aprendizagem prática, seguindo a cultura e o tema de estudo através das fases de desenvolvimento mais importantes. Observações directas e ensaios participativos orientam a aprendizagem de descoberta ao longo de uma época. Teorias e hipóteses podem ser testadas e analisadas de forma a aumentar as capacidades e competências. A metodologia ECA encoraja os

formandos a melhorarem activamente as suas competências através da observação, análise crítica das experiências e a partilha de ideias e debate com outros agricultores para tomar decisões de forma consciente.

- **O proceso de aprendizagem deve ser sistemático.** Todas as ECAs seguem o mesmo processo de aprendizagem sistemática, cujo pilar é observar e analisar as actividades experimentais no campo. Caso o Facilitador não tenha os conhecimentos específicos, podem ser convidados especialistas externos ou outros membros da comunidade para conduzir as discussões.

- **A aprendizagem é um processo contínuo.** Nas ECAs, a aprendizagem segue o ciclo natural do objecto de estudo. Neste contexto, costuma dizer-se que a aprendizagem “tem a duração de uma época” ou “tem a duração de um ciclo” no caso de estudos não relacionados com culturas, como no caso da pecuária. Tal permite que os agricultores entendam relações complexas nos sistemas agro-ecológicos ao longo das fases de desenvolvimento mais importantes. Os agricultores aprendem em tempo real, à medida que surgem problemas através da organização de eventos de aprendizagem e trocas de experiência nas fases importantes do ciclo.



Escada metodológica de criação de grupos ECA

A escada metodológica é um guia de referência sobre os principais passos envolvidos na criação de grupos ECA em Angola, o que é particularmente útil para gestores de programas, técnicos do IDA, das EDAs e os Formadores Mestre.

1. Motivação do grupo

- Identificação do grupo potencial
- Identificação dos Facilitadores potenciais
- Reuniões comunitárias

- Identificação da Comissão de Gestão
- Criação do grupo ECA

Para mais informações, ver Capítulos 3 e 4



2. Organização do grupo

- Estabelecimento da linha de base (Diagnóstico Rural Participativo)
- Introdução da metodologia ECA
- Estabelecimento das ferramentas de gestão

- Padrão dos membros do grupo
- Validação do grupo e entrega do Fundo de Reforçamento

Para mais informações, ver Capítulos 3 e 4



3. Elaboração dos conteúdos

- Identificação das prioridades do grupo
- Elaboração de Plano de capacitação e planificação das sessões

- Identificação do *jango* e parcelas de aprendizagem

Para mais informações, ver Capítulos 4



4. Parcelas de aprendizagem

- Desenho e implementação das parcelas de aprendizagem
- Identificação das culturas específicas

- Estabelecimento de sementeiras para as actividades de formação

Para mais informações, ver Capítulos 4



5. Desenvolvimento de conteúdos

- Actividades de formação: ASAE, Tópico do dia, Dinâmicas de grupo, Avaliação da sessão

- Dias de campo, Troca de experiências e Visitas de intercambio

Para mais informações, ver Capítulos 4



6. Graduação e avanço de ciclo

- Evento de Graduação
- Plano de continuidade para ECAs de segundo ou terceiro ciclo

- Sub-projectos ou planos de negócio
- Para mais informações, ver Capítulos 4



Princípios e características da metodologia ECA

A metodologia ECA tem flexibilidade e adaptabilidade como elemento central na adaptação às circunstâncias locais.

No entanto, os elementos que definem o núcleo da metodologia a nível mundial são uma série de princípios orientadores (Tabela 1) e características principais (Tabela 2).



Aprender fazendo

- As pessoas não alteram o seu comportamento ou práticas com apenas receber informações sobre o que mudar e como fazê-lo.
- A metodologia ECA permite aos agricultores aprender experimentando mudanças na prática, apropriando-se delas e aprendendo a confiar nas suas próprias capacidades para as replicar nas suas próprias lavras.

Estudo liderado pelos formandos

- Os agricultores decidem o que é relevante e o que pretendem que a ECA inclua no currículo. Isto assegura que a informação é adaptada às necessidades reais.
- O Facilitador apenas orienta o processo de aprendizagem para os participantes se envolverem em novas experiências.

Facilitação e não ensino

- Os orientadores do processo de aprendizagem são os Facilitadores, pessoal especialmente treinado. Durante as discussões, os Facilitadores contribuem para o consenso das acções a serem implementadas.
- A cada grupo ECA são atribuídos dois Facilitadores que acompanham todo o ciclo de aprendizagem e estão presentes nas sessões. Investigadores ou especialistas em tópicos específicos podem ser convidados a fornecer apoio adicional.

O campo é o local de aprendizagem

- Os agricultores aprendem directamente a partir de aquilo que observam, colhem e vivem no ambiente que os rodeia, pelo que o espaço central de aprendizagem é o campo, o rebanho ou a paisagem, dependendo do foco de cada grupo ECA.
- Os agricultores utilizam materiais locais nas sessões de aprendizagem, reforçando a ligação entre o que aprendem e a realidade que experimentam.

A formação acompanha o ciclo

- Nas ECAs, a formação é baseada no ciclo natural do tópico do estudo, isto é 'de semente a semente'.
- Isto permite que os agricultores discutam e observem aspectos no terreno em paralelo com o que acontece nas suas próprias lavras.

O objectivo é criar capacidades

- As ECAs não são centros de transmissão de informação e tecnologia, mas espaços para a criação e desenvolvimento de capacidades.
- O que é importante é a compreensão do porquê que permite compreender o como.

Tabela 1. Princípios orientadores da metodologia ECA.



Cada ECA é única

- Os participantes são os que marcam o conteúdo da aprendizagem.
- As actividades de formação têm de ser baseadas nas lacunas existentes, nos conhecimentos, competências e nível de compreensão do próprio grupo.
- Os grupos são todos diferentes e têm as suas próprias necessidades, realidades e expectativas sobre o processo de aprendizagem.

Aprender com os erros

- A mudança de comportamento exige tempo e paciência. A aprendizagem é um processo progressivo, caracterizado pela comunicação, confronto, aceitação e respeito.
- O processo tem de permitir que os erros sejam cometidos aberta e livremente: eles são uma parte inevitável da aprendizagem. Muitas vezes, aprende-se mais com a reflexão e análise dos erros do que com os sucessos.

Aprendizagem baseada na descoberta

- Experiências práticas, erros e discussões de grupo significam que novos conhecimentos não são ensinados, mas sim descobertos.
- Os problemas são desafios através dos que se descobrem coisas novas e não limitações.
- A apropriação é natural, porque são os próprios agricultores que chegaram a esta nova situação, sendo capazes de reproduzir as actividades e resultados.

Ensaios e experimentação em grupo

- A experimentação nas ECAs é feita com base em discussões de grupo participativas, o que permite que as preocupações mais relevantes sejam testadas em qualquer altura.
- Os jovens, as mulheres, os mais velhos... Cada grupo pode abordar um mesmo problema a partir de perspectivas diferentes. O ensaio das várias soluções é enriquecido por estas diferentes experiências de vida dos membros do grupo.

Processo sistemático de formação

- A aprendizagem acidental pode acontecer em qualquer altura. No entanto, as soluções duradouras são resultado de processos estruturados de reflexão, análise e experimentação.
- Todas as ECAs seguem o mesmo processo sistemático de formação em que a base é observar e analisar as actividades experimentais no campo. A sistematização permite fornecer uma estrutura eficaz à flexibilidade curricular das ECAs.

Tabela 2. Características principais da metodologia ECA.





© FAO/Ruben Martinez

3

**Concepção e
preparação de
um programa
ECA**

Concepção e preparação de um programa ECA

Este capítulo explica como desenvolver um programa ECA, desde a definição de objectivos, o diálogo institucional, a formação de pessoal e o estabelecimento da linha de base.



Definição dos objectivos estratégicos

O primeiro passo na fase de preparação de um programa ECA consiste em definir os objectivos estratégicos e os resultados. Estes devem ser alinhados com as prioridades nacionais relevantes, de modo a que a implementação das ECAs possa contribuir para a sua realização.

Os objectivos variarão em função do contexto de implementação e se o programa é o foco principal ou faz parte de uma intervenção de maior dimensão. A Tabela 3 apresenta exemplos de possíveis objectivos estratégicos e resultados.

Uma vez definidos os objectivos estratégicos, é tempo de articular as actividades concretas, geralmente utilizando a metodologia quadro lógico, um dos métodos mais difundidos de planeamento baseado em objectivos.

É importante lembrar que a documentação estratégica definirá a narrativa de todo o programa, pelo que deve ser utilizada uma terminologia consistente com a metodologia ECA.



Meios de subsistência melhorados		
Capacidades dos serviços de extensão desenvolvidas numa abordagem da ECA orientada para o estímulo dos mercados locais	Co-criação e aplicação com sucesso de soluções comercialmente viáveis	Sistemas de poupança e empréstimo comunitários estabelecidos e usados; grupos de agricultores com ligação ao micro-crédito
Resiliência das comunidades aumentada		
As comunidades são mais resilientes face à mudança climática e aos riscos associados através de planeamento e acção comunitários melhorados	Co-criação e aplicação de práticas agrícolas resistentes a secas, tolerantes a cheias ou agro-ecológicas melhoram e diversificam os modos de subsistência	Redes de segurança social melhoradas e rendimentos diversificados estabelecidos através de sistemas de poupança e empréstimo comunitários
Bem-estar aumentado e desenvolvimento holístico da comunidade		
Co-criação e aplicação de soluções tecnológicas localmente adaptadas pelas comunidades	Estruturas de apoio social inclusivas, acção colectiva fortalecida	Questões de saúde, VIH-SIDA, nutrição, igualdade de género integradas na formação da comunidade
Sistemas de extensão rural participativa expandidos		
Metodologia ECA implementada de forma coordenada e harmonizada, as lições aprendidas são utilizadas para melhorar a qualidade dos programas	Co-criação, adaptação e aplicação pelos agricultores de práticas agrícolas localmente apropriadas e ambientalmente e financeiramente robustas	A metodologia ECA é efectivamente promovida, discutida e apreciada a nível político e entre os doadores

Tabela 3. Amostra de objectivos estratégicos e resultados correspondentes de um programa ECA.

Âmbito geográfico

O âmbito geográfico é um aspecto crucial na concepção de um programa ECA. O número e distribuição dos grupos ECA criados está condicionado pela disponibilidade de fundos, apoio institucional e comunitário e a disponibilidade de pessoal com formação adequada, em particular Formadores Mestre e Facilitadores.

Além disso, as realidades logísticas e operacionais no terreno (número e estado de viaturas, estado das infra-estruturas, presença e condição dos edifícios e instalações, etc.) devem ser tidas em conta nesta fase de planificação.

Existe uma tendência geral para os gestores de programas quererem distribuir os grupos ECA de forma bastante equitativa pelas zonas geográficas abrangidas,

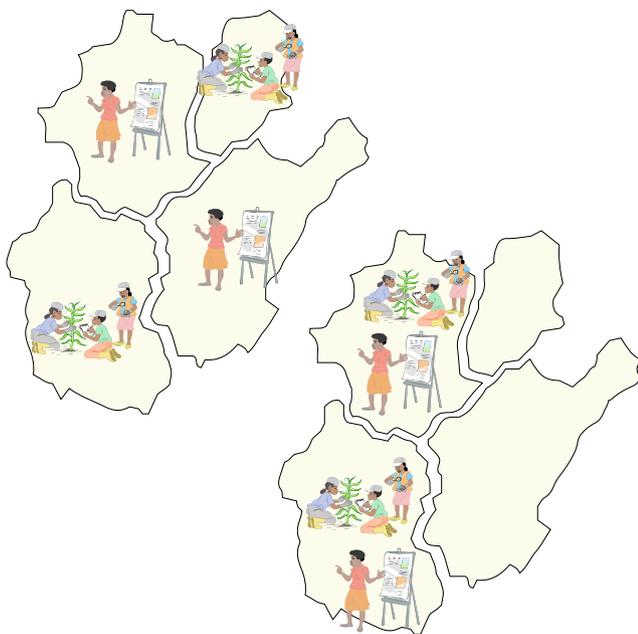


Figura 4. Distribuição equitativa (superior) ou agrupada (inferior) das ECAs em quatro províncias fictícias. Um agrupamento bem planeado tem vários efeitos positivos durante a implementação.

ou seja, dispersos por uma área maior. No entanto, a experiência tem mostrado uma série de benefícios no agrupamento das intervenções em certas localidades:

- Maior probabilidade de resultados duradouros através de mudanças nas práticas e nas condutas de um número maior de pessoas.
- Actividades de apoio, monitoria e facilitação dos grupos ECA mais fáceis e económicas.
- Maior facilidade de apoio mútuo entre os facilitadores, aspecto-chave para garantir a qualidade do programa.
- A proximidade dos grupos facilita as visitas e trocas de experiência, ao mesmo tempo que reforça o sentimento de pertença e coesão local.
- Esta mesma proximidade acelera a criação de redes de agricultores de acção colectiva de apoio mútuo ou de comercialização de produtos.

Instituições, parcerias e comunidades

As instituições que possam ter interesse em apoiar o programa devem ser identificadas e o diálogo estabelecido.

Historicamente em Angola, o Ministério da Agricultura, por meio do Instituto de Desenvolvimento Agrário, assumiu um papel de liderança institucional da expansão da metodologia ECA em parceria com as agências das Nações Unidas, especialmente da FAO.

Deve ser internalizado a todos os níveis de gestão das organizações envolvidas no programa ECA um espírito de participação e responsabilidade em relação aos participantes no terreno: é importante que as estruturas locais de organização e gestão não entrem em conflito com abordagens rígidas de planeamento ou estruturas hierárquicas de gestão inflexíveis. É recomendável fazer cursos de sensibilização entre o pessoal de gestão.

Ao conceber e projectar novos grupos ECA é importante ter em mente que não são grupos isolados, mas sim uma plataforma que fornece soluções para os problemas reais das comunidades. Por conseguinte, é essencial estabelecer um diálogo institucional com os diferentes níveis governamentais (municipal, provincial e nacional), instituições de apoio nacionais e internacionais, organizações não governamentais, organizações de produtores e instituições de ensino.

Antes de se estabelecer uma ECA numa zona ou região nova, a equipa do programa, em coordenação com o pessoal das EDAs, deve organizar reuniões de sensibilização para apresentar a metodologia ECA à comunidade. É importante incluir, além de representantes do programa, autoridades locais e tradicionais, lideranças religiosas, parterias, quitandeiras e representantes de associações e cooperativas.

Os encontros de apresentação devem explicar claramente o que a comunidade pode esperar das ECAs, quais são as vantagens e limitações da metodologia e quais são os compromissos do programa. É recomendável fazer uso de materiais didácticos, desenhos, fotos, relatos de casos e histórias de pessoas que participaram em experiências anteriores.

Criação das capacidades humanas

Para a implementação de um programa ECA de qualidade, é preciso construir uma base de pessoal devidamente formado a diferentes níveis.

Qualquer intervenção ECA, seja no âmbito de um projecto ou dentro de um programa nacional, precisa de gestores competentes e de Formadores Mestre e Facilitadores devidamente treinados nas respectivas funções.

Instituições e gestores de programa

Uma concepção e preparação adequadas são a base de uma boa implementação de um programa ECA. No entanto, esta preparação em si não conduz necessariamente a uma implementação de qualidade.

É a responsabilidade dos gestores do programa definir e organizar todos os processos e mecanismos necessários, incluídos os recursos humanos requeridos, para garantir que os resultados sejam atingidos de forma atempada. Os gestores devem também assegurar que os princípios orientadores da metodologia ECA sejam respeitados durante a fase de implementação e que isto seja feito com uma utilização racional dos recursos humanos, financeiros e de tempo disponíveis.



Para além de uma sólida experiência de campo e uma boa preparação técnica, os gestores devem ter uma compreensão básica dos princípios e dos aspectos operacionais da metodologia ECA: devem entender as fases de implementação, os resultados esperados e devem estar familiarizados com a logística necessária para que os Formadores Mestre e Facilitadores executar correctamente as suas funções no terreno. Um requisito essencial dos gestores de programas ECA é o conhecimento dos fundamentos da M&A. É aconselhável organizar cursos de sensibilização e visitas de campo para familiarizar o pessoal de gestão com a realidade das ECAs.

Em Angola, a implementação das ECAs é feita pelo Governo através do IDA com apoio da FAO e em colaboração com instituições de extensão a nível provincial, municipal e comunal. As EDAs do IDA estão no terreno junto aos Facilitadores como gestores de apoio às ECAs. Os chefes de Departamento do IDA são responsáveis por indicar e manter os Formadores Mestre, pela supervisão da implementação das ECAs e

pela validação dos grupos. Colaboram com a M&A das actividades e ajudam a fortalecer os vínculos entre as ECAs e outras instituições de apoio. Dinamizam o plano de actividades dos técnicos para acompanhamento dos Grupos ECAs na sua municipalidade e desenvolvem encontros periódicos de avaliação, supervisionam as actividades dos técnicos, organizam e entrega das fichas aos Facilitadores e técnicos que são os pontos focais do IDA.

Formadores Mestre

Os Formadores Mestre são pessoas com sólidas competências técnicas e conhecimentos na educação de adultos que requerem uma formação rigorosa sobre a metodologia ECA (Tabela 4). O papel dos Formadores Mestre é assegurar a qualidade na implementação da metodologia ECA através de três actividades principais:

- Preparação, condução e acompanhamento das Formações de Facilitadores.
- Apoio às actividades no terreno, especialmente acompanhando os Facilitadores.
- Monitorar, avaliar e documentar as actividades

feitas nas ECAs, com base nos dados recolhidos nas sessões pelos Facilitadores.

Os Formadores Mestre têm também um papel importante na concepção e gestão de orçamentos para programas ECA; na promoção da metodologia; no apoio à concepção curricular das ECAs e nas redes nacionais e internacionais de especialistas em ECAs.



Os Formadores Mestre correctamente treinados são fundamentais para o bom desenvolvimento de um programa ECA. Se houver mais do que uma organização a implementar ECAs, é importante criar mecanismos de coordenação entre os Formadores Mestre para assegurar que os padrões de qualidade sejam respeitados pelos gestores.

A formação dos Formadores Mestre não se limita aos aspectos técnicos da metodologia ECA, mas inclui também considerações sobre gestão de projectos, abordagens participativas, M&A e desenvolvimento de currículo e formações.

Quem e como são os Formadores Mestre?

São, geralmente, técnicos do IDA ou outra instituição que desenvolvem actividade de extensão rural nas comunidades.

Pessoas com disponibilidade de participar de forma permanente nas suas próprias formações.

Pessoas com disponibilidade para o trabalho em equipa e para a troca de experiências.

Pessoas que têm o compromisso de tempo e interesse no desenvolvimento das actividades das ECAs, incluindo a formação dos Facilitadores, a implementação de grupos e seu posterior acompanhamento.

Pessoas com formação técnica em ciências agrárias.

Pessoas com boa capacidade de comunicação, conhecedoras da língua local e dos hábitos sociais das comunidades.

Pessoas com a humildade para ouvir e respeitar a opinião de Facilitadores e membros das ECAs e não impor o seu conhecimento ou visão.

Tabela 4. Características principais dos Formadores Mestre.

O barato é caro: poupar na formação de Formadores Mestre e Facilitadores é garantia de falhas graves nos programas de ECAs

Em Angola, a formação dos Formadores Mestre evoluiu para ser realizada em módulos de 15 dias em que a formação teórica é combinada com formação de campo em que o que foi aprendido é aplicado. Em média, o tempo total de formação é de três a quatro meses que finaliza com a Graduação e Certificação.

O investimento na formação de Formadores Mestre é chave nos programas ECA: o efeito multiplicador dos programas baseia-se na qualidade de formação dos Facilitadores, feita pelos Formadores Mestre.

Facilitadores

Os Facilitadores têm a responsabilidade diária de acompanhar os grupos ECA depois de terem recebido uma formação específica: a Formação de Facilitadores (FdF).

A FdF é feita por Formadores Mestre experientes e não é uma Formação de Formadores Mestre: os Facilitadores não estão capacitados para formar outros Facilitadores. Os Facilitadores podem ser técnicos de extensão local ou membros da própria comunidade (Tabela 5). Apenas em casos específicos podem ser peritos internacionais.



A FdF deve usar a abordagem da própria metodologia ECA: os formandos devem aprender fazendo os aspectos de participação, trabalho em grupo, desenvolvimento de competências de facilitação, organização e comunicação. Deve também incluir formação específica em M&A. Os cursos de FdF podem variar quanto à duração, dependendo dos objectivos do programa ECA, das circunstâncias dos formandos e do conteúdo incluído.

Recomenda-se que um mínimo de dois Formadores Mestre acompanhem diariamente as FdF ao longo de todo o curso. Pode fazer-se um reforço pontual com especialistas nacionais ou internacionais para tópicos como nutrição, género ou resiliência.

Quem e como são os Facilitadores?

Pessoas que residem ou trabalham na comunidade onde se vá a criar os grupos ECA.	Pessoas com algum tipo de formação agrícola ou experiência no sistema agro-ecológico local.
Têm disponibilidade de tempo para desempenhar as suas funções.	Pessoas que falem português e a língua local. Sabem ler e escrever, pelo menos, um pouco.
São pessoas respeitadas na comunidade.	Têm habilidade para comunicar e capacidade de motivar os outros.
Desejam o desenvolvimento da própria comunidade.	Pessoas criativas e que procuram activamente soluções.
Têm capacidade de negociação e sabem gerir os conflitos que possam acontecer.	

Tabela 5. Características principais dos Facilitadores.

Os grupos de formação devem ter, como orientação, um mínimo de 15 e um máximo de 30 formandos para assegurar uma participação semelhante entre todas as pessoas nas actividades. As FdF devem ser complementadas regularmente com cursos de reciclagem e actualização que se podem fazer nos locais de trabalho ou directamente nas ECAs.

Normalmente, a equipa de apoio a um grupo ECA é constituída por dois Facilitadores, idealmente um homem e uma mulher. Isto permite reforçar a presença das mulheres nos programas ECA e facilita atender melhor as questões que afectam mais especificamente as mulheres nas sessões de aprendizagem.

A importância das mulheres e jovens

As mulheres têm um papel-chave na produção e preparação de alimentos, na selecção das sementes, na conservação da biodiversidade, na recollecção, na armazenagem, pós-colheita e comercialização. No entanto, elas têm sido historicamente excluídas do acesso aos serviços de extensão devido a vários factores: há uma invisibilidade do seu papel e elas não

A participação activa das mulheres e dos jovens é crucial para o sucesso das ECAs

são reconhecidas como produtoras; o facto de quase todos os extensionistas serem homens e oferecerem-se os seus serviços aos homens e a carga excessiva de trabalho das mulheres torna impossível a sua participação nas capacitações.

A **igualdade de género** deve ser um pilar fundamental na concepção e implementação dos programas ECA. A participação igualitária deve ser promovida a todos os níveis, bem como a abordagem de situações e problemas específicos das mulheres para gerar soluções eficazes.

A participação dos jovens é essencial. Representam o futuro das comunidades rurais, e a transmissão geracional do conhecimento e do património cultural ligado à agricultura, pastoreio e pesca é fundamental para a sobrevivência e prosperidade da comunidade.

CONCEITO

Igualdade de género

A igualdade de género é a visão de que homens e mulheres devem ser tratados em pé de igualdade nos aspectos sociais, económicos e em todos os outros aspectos da sociedade, livres de todas as formas de discriminação. A igualdade entre homens e mulheres está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento sustentável e é vital para a realização dos direitos humanos para todos. O objectivo final da igualdade de género é uma sociedade em que mulheres e homens gozem das mesmas oportunidades, direitos e obrigações em todas as esferas da vida.

A igualdade entre homens e mulheres existe quando ambos os sexos são capazes de partilhar equitativamente na distribuição do poder e da influência; têm iguais oportunidades de independência financeira através do trabalho ou da criação de empresas; gozam de igual acesso à educação e da oportunidade de desenvolver ambições, interesses e talentos pessoais; partilham a responsabilidade pelo lar e pelas crianças e estão completamente livres de coerção, intimidação e violência baseada no género, tanto no trabalho como em casa.

A igualdade de género é um dos objectivos da Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas e o quinto dos 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável.

Diagnóstico Rural Participativo

Antes de começar a criar grupos ECA, é essencial compreender as necessidades e prioridades das comunidades.

Uma das metodologias de diagnóstico mais difundidas é o diagnóstico rural participativo (DRP), um conjunto de técnicas e ferramentas que, em contraste com as abordagens tradicionais de inquéritos, permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico.

O objectivo principal do DRP é apoiar o empoderamento das comunidades e a obtenção directa de informação “de campo” na comunidade sobre o estado dos seus recursos naturais, da situação económica e social e de outros aspectos que surjam durante o processo de diagnóstico.

Etapas do Diagnóstico

A implementação do DRP envolve os seguintes passos:

- **Definir os objectivos.** O DRP deve ser realizado com um objectivo claro e não ser uma simples recolha de dados.
- **Seleccionar e preparar a equipa de diagnóstico.** Idealmente deve contar com especialistas em diferentes áreas (agricultura, sociologia, economia, etc.).
- **Identificar os potenciais participantes.** A equipa tem de considerar questões de inclusão de género, representação de todas as idades, presença de grupos marginalizados, etc.
- **Identificação das expectativas dos participantes.** É importante clarificar as expectativas que a comunidade possa ter em relação ao processo de diagnóstico.
- **Discutir as necessidades de informação.** Identificar os dados ou informação específica que se precisa para uma boa planificação dos

grupos ECA. É crucial incluir as necessidades de M&A neste ponto.

- **Seleccionar as ferramentas de diagnóstico.** Há ferramentas de diagnóstico, programação, localização, etc. A equipa deve avaliar em cada momento as mais efectivas no decorrer do processo. Os principais tipos de ferramentas de diagnóstico são:
 - **Entrevistas semi-estruturadas.** Entrevistas guiadas de 10-15 perguntas-chave determinadas anteriormente e desenhadas para criar um ambiente aberto de diálogo que permite à pessoa entrevistada expressar-se livremente, sem as limitações tradicionais de um questionário.
 - **Mapas e maquetas.** Elaborados sobre papel ou outros materiais, servem para a planificação, discussão e análise da informação visualizada sob recursos naturais, mapa social, mapas de propriedade, etc.
 - **Travessia.** Realizada mediante uma caminhada, a travessia recorre o espaço geográfico e se anotam os diferentes aspectos que surgem da observação dos participantes referentes a usos e recursos.
 - **Calendários.** Permitem analisar os aspectos relacionados com o tempo: a distribuição das culturas, das actividades de trabalho, eventos históricos relevantes para o programa, etc.
 - **Diagramas.** Através de diagramas podem ser visualizadas relações causa-efeito, a intensidade e importância das relações institucionais, comerciais ou de produção.
 - **Matrizes.** As matrizes facilitam a classificação e a análise hierárquica de diferentes situações ou opções de maneio ou organização.
 - **Análise de género.** O programa deve entender e monitorar as relações de género antes do início e durante a intervenção.

Princípios do Diagnóstico Rural Participativo

Respeitar os conhecimentos e a cultura do grupo. O respeito pela sabedoria cultural na gestão dos recursos humanos e naturais é básico para atingir a sustentabilidade da organização social. A equipa não deve agir como instrutores, mas como observadores interessados em aprender com os agricultores; escutar e não ensinar.

Analisar e entender percepções diferentes. Cada pessoa vê a realidade de forma subjectiva. Os membros da comunidade, o pessoal técnico da equipa e os pesquisadores muitas vezes interpretam o mundo de maneiras diferentes. Assim, antes de valorizar as actividades dos agricultores, a equipa de diagnóstico deve fazer um exercício de empatia para melhor compreender a percepção da comunidade e ser consciente do seu próprio ponto de vista.

Escutar toda a comunidade. Para compreender a comunidade, todos os seus membros devem ser escutados, especialmente as pessoas e grupos com posições sociais marginalizadas. Isto pode ser conseguido trabalhando com grupos específicos para criar um espaço onde as pessoas se possam expressar livremente.



Visualização. De acordo com o enfoque de baixo para cima da metodologia, deve ter-se o cuidado de utilizar meios que não se limitem a fornecer informações escritas e verbais, mas que se apoiem na visualização como um todo. Por exemplo, mapas, diagramas ou modelos que reflectam as discussões e opiniões da comunidade, facilitando a intervenção e contribuição de todos os membros.

Triangulação. A triangulação consiste em combinar dados e informações de diferentes fontes (diferentes grupos dentro da comunidade, homens, mulheres e jovens, etc.) e diferentes métodos (entrevistas, mapas, etc.). Isto permite complementar e contrastar os fenómenos observados, a fim de ter uma visão mais completa da realidade.

Ignorância óptima. Refere-se à capacidade da equipa de diagnóstico para não recolher uma quantidade excessiva de dados. Idealmente, a equipa precisa de identificar antecipadamente que tipo de informação é crucial para o programa e qual não é, evitando uma sobrecarga de trabalho de diagnóstico e análise subsequente.

Apresentação na comunidade. O trabalho do DRP é feito no terreno. Idealmente, uma vez analisada a informação, esta deve ser apresentada à comunidade já que o diagnóstico representa um processo de aprendizagem mútuo.

Expansão dos programas ECA

A expansão dos programas ECA refere-se ao aumento do número de pessoas envolvidas, mantendo a qualidade necessária (Figura 5).

Os gestores do programa devem considerar o desenvolvimento progressivo de capacidades nos níveis municipal, provincial e nacional, incluindo instituições e organizações de apoio nacionais e/ou internacionais.

A expansão de um programa ECA deve incluir planos para a expansão dos sistemas de M&A, documentação, registo e processamento de informação.

Os gestores devem contar com uma base de dados sólida sobre ECAs e ter informação actualizada das capacidades humanas existentes, incluindo o número de Formadores Mestre, Facilitadores, técnicos governamentais, etc.

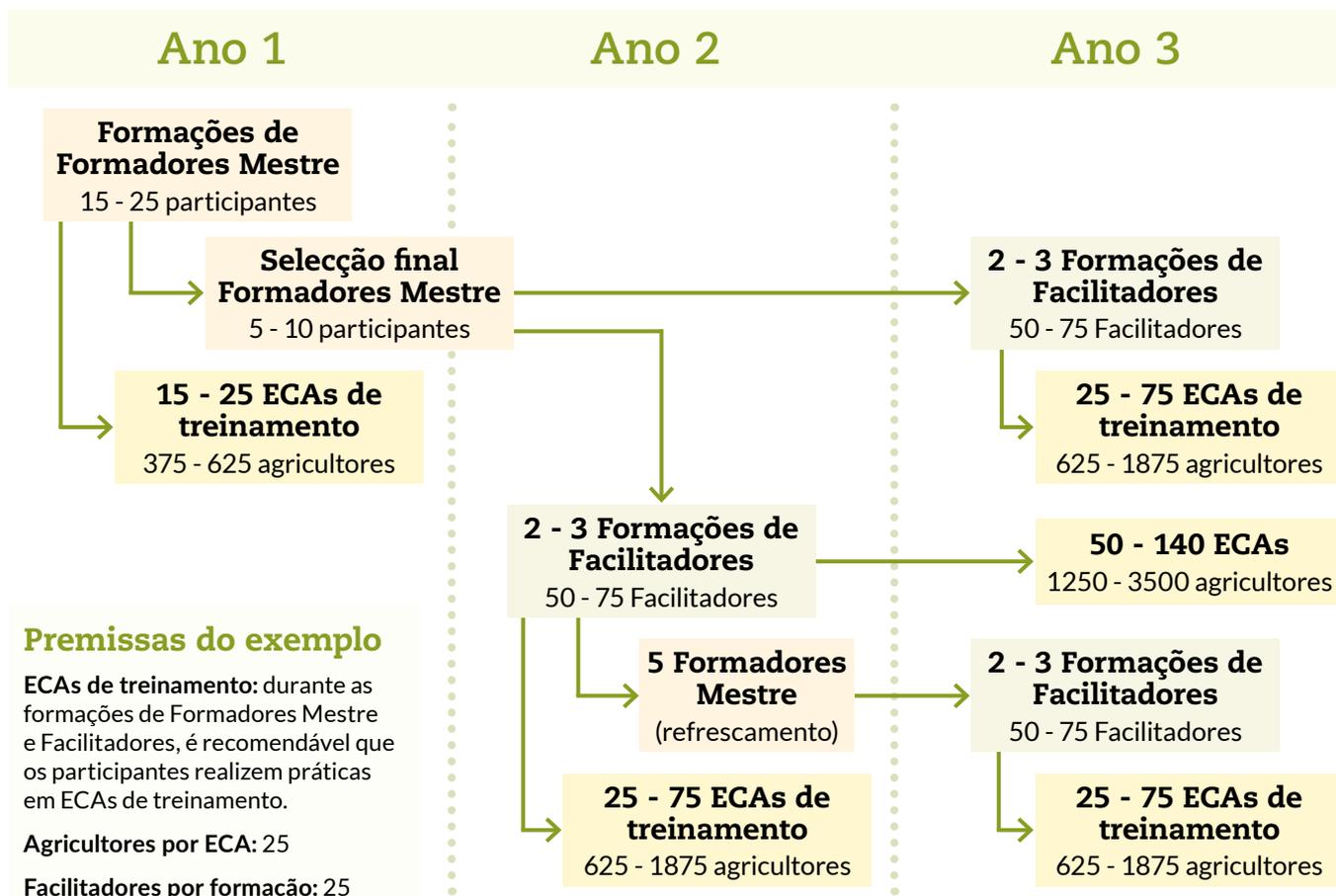


Figura 5. Exemplo de uma expansão de um programa ECA. Note-se que o investimento de recursos deve corresponder à dimensão do pessoal envolvido e ao âmbito geográfico (ver Capítulo 6 para mais informações).

Indicadores de sucesso

A experiência mostra que os seguintes factores determinam em grande medida o sucesso das ECAs.



Perfil do grupo	Planificação
<ul style="list-style-type: none">• Grupo registado junto da autoridade relevante• Número ideal de membros: 20 – 30• Grupo com interesses comuns• Mistura de sexo, idade e nível de literacia	<ul style="list-style-type: none">• Objectivos do grupo bem definidos e claros• Missão e visão da ECA bem compreendidas• Existência de plano de actividade e implementação• Horário das sessões bem planeado
Facilitadores	Gestão e disciplina
<ul style="list-style-type: none">• Treinados na metodologia ECA e na facilitação• Sessões de facilitação não de ensino• Disponíveis e acessíveis para os agricultores• Boa interacção e respeito às opiniões dos agricultores• Criativos, inovadores e com capacidade técnica	<ul style="list-style-type: none">• Boa gestão de tempo e horário de sessões respeitado• Participação mínima de todos os membros• Normas do grupo disponíveis e respeitadas• Tratamento igual de mulheres e homens no grupo• Transparência na gestão e tomada de decisões
Direitos e respeito mútuo	Ensaios participativos
<ul style="list-style-type: none">• Papéis dos diferentes actores bem entendidos• Boa liderança e estrutura• Práticas democráticas na eleição de oficiais• Actualidade dos tópicos especiais	<ul style="list-style-type: none">• Local de aprendizagem e parcelas experimentais• Escolha do tema de estudo orientada pelo DRP• ASAE realizada regularmente e documentada• Estudos comparativos e não demonstrações
Processo de aprendizagem	Empoderamento dos agricultores
<ul style="list-style-type: none">• Currículo acordado pelos agricultores• Inclui questões transversais e tópicos especiais• Questões de saúde e ambientais incluídas• Formação em custo de produção e margens• Formação em comercialização incluída	<ul style="list-style-type: none">• Confiança nas próprias capacidades melhorada• Maior participação nas tomadas de decisão• Compreensão dos conceitos e questões técnicas• Membros do grupo activos, motivados e confiantes• Participação activa de todos os membros da ECA
Sustentabilidade	Documentação
<ul style="list-style-type: none">• Capacidade de mobilizar recursos locais• Partilha de custos pelo grupo• Ligação com outros projectos ou iniciativas• Existência de actividades de geração de rendimento• Sistema de Monitoria e Avaliação participativas	<ul style="list-style-type: none">• Registo dos membros segregados por sexo• Registo dos ensaios e sessões bem conservados• Registos de participação bem conservados• Monitoria e Avaliação documentada e implementada• Uso da documentação para tomadas de decisão

Tabela 6. Indicadores de ECAs de sucesso.





© FAO/Rubén Martínez

4

**Sessões e
ciclos de
aprendizagem**

Sessões e ciclos de aprendizagem

Este capítulo discute o desenvolvimento e implementação curricular nas ECAs: sessões e ciclos de aprendizagem.



Criação e gestão dos grupos ECA

Uma vez concluído o processo de preparação, é tempo de criar os grupos ECA. Para assegurar o seu bom funcionamento e gestão, existem várias ferramentas operacionais já estabelecidas e testadas.

Comissão de Gestão

A Comissão de Gestão é um pequeno grupo de pessoas responsável pelo registo das actividades, pela gestão dos fundos e por zelar pelo respeito às decisões e normas definidas pelo grupo.



A Comissão é geralmente composta por um presidente, um secretário, um tesoureiro e um chefe de produção. Cada grupo ECA deve escolher as pessoas que irão constituir a Comissão de uma forma democrática e solidária entre os seus membros numa assembleia geral do grupo. O período de exercício da Comissão deve estar estabelecido no Regulamento Interno da ECA.

A Comissão tem responsabilidades ligadas à organização, gestão e implementação das actividades na ECA; à organização do grupo; aos assuntos financeiros e à gestão e repartição de materiais e produções agrícolas. A Comissão deve também participar na M&A.

Regulamento Interno

O Regulamento Interno da ECA (também chamado Estatuto da ECA) é o conjunto de normas de funcionamento do grupo. O Regulamento deve incluir os pontos seguintes:

- Nome e lema da ECA e sua data de criação.

- Requisitos mínimos para ser membro (incentivar a presença de mulheres e jovens).
- Periodicidade, dia da semana e horário das sessões da ECA.
- Regras de convivência e normas de comportamento no âmbito da ECA.
- Procedimentos disciplinares no caso das normas estabelecidas não serem respeitadas.
- Definição das funções da Comissão de Gestão e do período de exercício
- Regras do Fundo de Quotização.
- Outras normas consideradas importantes pelo grupo.

Caderno da ECA

O Caderno é a primeira instância de registo das actividades feitas na ECA. A responsabilidade do registo é do Facilitador com a ajuda da Comissão de Gestão. Para garantir o registo, deve ser reservado um tempo após cada sessão. O Caderno deve conter os dados básicos do grupo e o Regulamento Interno.



Além disso, deve-se anotar no Caderno:

- Sessões realizadas: data e presença dos membros em cada sessão.
- Resumo das actividades realizadas: registo da Análise do Sistema Agro-Ecológico, materiais e insumos utilizados, dados quantitativos de produção e venda, estado do Fundo de Quotização.
- Pontos de acção e recomendações para sessões sucessivas.
- Resultados de balanços e avaliações da ECA.

Fundo de Quotização

O Fundo de Quotização é fornecido pelas contribuições dos membros da ECA e serve para apoiar actividades do grupo.

O Fundo deve ser administrado colectivamente, sob responsabilidade da Comissão de Gestão e segundo normas definidas no Regulamento Interno. O registo correcto das operações ligadas ao Fundo é da responsabilidade do tesoureiro do Comité de Gestão, com o apoio do Facilitador.

O uso do Fundo varia entre as ECAs, podendo ser utilizado para ajudas, preparação da terra, compra de sementes, apoio ao Facilitador, ajuda às famílias em óbitos e doenças, etc.

O Fundo de Quotização é um elemento formativo importante no desenvolvimento da gestão colectiva e da capacidade de decisão em torno de um recurso comum (neste caso, o dinheiro). Assegurar a transparência é essencial para evitar problemas entre os membros.

Validação do grupo ECA

A validação do grupo ECA consiste na verificação dos elementos básicos para o funcionamento correcto da ECA: presença de Facilitadores devidamente treinados, *jango* definido, presença do Comité de Gestão e do Regulamento Interno. A validação é feita através de uma visita de um chefe da EDA, um técnico da comuna e um Formador Mestre, em diálogo com os Facilitadores e membros do grupo.

A avaliação é registada numa Ficha de Validação que é enviada para o gerenciamento do programa. Caso seja validado, os dados do grupo são incluídos numa base de dados.



Fundo de Reforçamento

Só após a validação e o cadastramento o grupo ECA pode receber o Fundo de Reforçamento (também chamado Fundo de Apoio) para suprir gastos relacionados com as actividades da ECA.



O gasto específico deste Fundo, como o Fundo de Quotização, é essencialmente decidido de forma participativa. Por exemplo, pode providenciar os recursos necessários iniciais (compra de equipamento agrícola, sementes, cercas, etc.) e pode ser usado como fundo comum para créditos para os membros, pequenos investimentos, etc.

Para garantir um maior control e transparência, é recomendável que a entrega do Fundo seja feita numa cerimónia com presença de pessoal das EDAs, das autoridades policiais e membros do grupo ECA.

Definição curricular e plano de capacitação

Uma vez identificado e criado um novo grupo ECA, os membros, juntamente com os Facilitadores e o apoio dos Formadores Mestre, definem os conteúdos de aprendizagem no Plano de capacitação.

O Plano é articulado em torno das prioridades e necessidades expressas pelos membros do grupo ECA e deve abranger, pelo menos, um ciclo de aprendizagem. O Plano deve incluir os tópicos a trabalhar e as datas aproximadas de formação, mais dever ser suficientemente flexível para acomodar questões que possam surgir no decurso do ciclo de aprendizagem.

Os principais tópicos a trabalhar estão normalmente ligados às actividades productivas, mas também podem se relacionar com outros problemas presentes na comunidade.

Para além dos temas específicos, a aprendizagem nas ECAs inclui **temáticas transversais** fundamentais para o desenvolvimento dos membros que devem estar sempre presentes no desenvolvimento curricular.

Ciclos de aprendizagem

As sessões de aprendizagem são organizadas em ciclos de aprendizagem que podem durar entre 4 e 18 meses, dependendo dos objectivos do programa. Em Angola, a metodologia ECA evoluiu gradualmente para três ciclos consecutivos de aprendizagem (Figura 6).

Primeiro ciclo

As ECAs de primeiro ciclo concentram-se em estabelecer uma base sólida em questões metodológicas, técnicas e sociais: internalização da metodologia ECA, melhoria das técnicas agrícolas das culturas básicas e organização interna do grupo.

Segundo ciclo

As ECAs de segundo ciclo desenvolvem o que foi aprendido no ciclo anterior e são introduzidos aspectos adicionais de diversificação e integração agrícola, gestão e melhoria da utilização dos recursos naturais e fortalecimento de competências sociais.



Terceiro ciclo

No terceiro ciclo abordam-se questões relacionadas com a sustentabilidade do grupo, organização social, associativismo, cooperativismo e mecanismos financeiros. As ECAs focam para a expansão da produção e transformação agrícola, a criação de cadeias de valor e a dinamização da economia local.

DESTAQUE

Temáticas transversais

Igualdade de género. As normas, papéis e costumes de género desempenham um papel em todas as fases de implementação das ECAs, incluindo a selecção de Formadores Mestre e Facilitadores, a composição dos grupos e a participação activa de homens e mulheres. A equipa de gestão do programa deve tomar medidas para assegurar a igualdade de género na selecção de formadores, na participação activa das mulheres e na valorização dos seus conhecimentos, experiência e preocupações. É importante que os Facilitadores sejam conscientes das questões de género e conheçam conceitos como vulnerabilidade e inclusão social.

Nutrição. Da mesma forma, a nutrição afecta todos os membros da comunidade. É provável que o conhecimento agrícola gerado nas ECAs tenha um impacto no consumo de alimentos das famílias ou nos padrões de venda. A equipa de gestão e os Facilitadores devem garantir que o currículo contribui não só para a melhora da produção, mais também para a melhora da nutrição, especialmente das crianças, dos idosos e das pessoas com alguma deficiência ou necessidade nutricional.

Alterações climáticas e resiliência. O sector agrícola é particularmente vulnerável a secas, chuvas e outros eventos que estão a tornar-se cada vez mais frequentes devido às alterações climáticas. Garantir a segurança alimentar e nutricional do país, e especialmente dos mais vulneráveis, requer a adopção de práticas de produção, transformação e comercialização resilientes.

Primeiro ciclo de aprendizagem



Temas metodológicos

- Organização do grupo
- Ferramentas de gestão da ECA (Comissão de Gestão, Caderno da ECA, etc.)
- ASAE e experimentação participativa
- Bases de M&A

Temas técnicos

- Maneio de água: captação água da chuva, conservação de água nos solos
- Maneio dos solos: conservação, adubação orgânica, compostagem
- Maneio Integrado de Pragas
- Criação e saúde animal
- Pastoreio e maneio de pastagens

Temas sociais e económicos

- Alfabetização
- Saneamento e higiene
- Prevenção da malária
- Tratamento e saneamento de água

Segundo ciclo de aprendizagem



Temas metodológicos

- Reforço e aprofundamento dos temas do primeiro ciclo: organização, gestão e M&A
- Expansão dos temas incluídos na ASAE

Temas técnicos

- Reforço e refrescamento dos temas do primeiro ciclo
- Diversificação das culturas
- Fruticultura e horticultura
- Práticas agro-ecológicas
- Agricultura e resiliência
- Integração agro-pecuária

Temas sociais e económicos

- Continuação e aprofundamento dos temas do primeiro ciclo
- Nutrição da família
- Cuidados primários de saúde

Terceiro ciclo de aprendizagem



Temas metodológicos

- Reforço e aprofundamento dos temas do segundo ciclo
- Continuidade do grupo além da ECA
- Associativismo e cooperativismo
- Construção participativa de conhecimento

Temas técnicos

- Produção, selecção e conservação de sementes
- Maneio e uso da agro-biodiversidade
- Conservação e restauração de solos
- Armazenamento e transformação pós-colheita

Temas sociais e económicos

- Continuação dos temas de segundo ciclo
- Gestão de fundos comunitários
- Cadeias de valor e vínculo com os mercados
- Planos e circuitos de comercialização
- Poupança e finanças

Figura 6. Resumo não exaustivo dos principais temas abordados em cada ciclo. Embora a definição final do currículo responda às prioridades de cada grupo ECA, cada ciclo dá prioridade a uma série de questões metodológicas, técnicas e socioeconómicas.

Actividades das sessões de aprendizagem

Análise do Sistema Agro-Ecológico

A Análise do Sistema Agro-Ecológico (ASAE) é a base da ECA. Consiste numa análise, feita no terreno pelos membros das ECAs, das interacções observadas entre as culturas ou gado com outros factores tais como as condições ambientais, a fertilidade do solo, ervas daninhas, presença de pragas, amigos naturais, etc.

O objectivo é que os membros apreciem a importância de fazer observações regulares no terreno, analisem os problemas encontrados e melhorem as capacidades de observação, análise e tomada de decisões relativas à gestão da terra, das culturas e dos recursos.

A ASAE é organizada em quatro passos (ver página seguinte) e dura entre duas e quatro horas. As sessões se devem realizar de forma coincidente com o ciclo produtivo. Isto permite que os problemas enfrentados nas lavras dos membros sejam semelhantes às questões tratadas nas sessões.

É importante que no final do ciclo produtivo seja feita a avaliação da colheita, registando dados de rendimento das diferentes parcelas experimentais para comparar os seus rendimentos. Deve incluir-se também dados de custos de produção e rendimentos na venda.

A realização da ASAE é da responsabilidade do Facilitador, que deve garantir que seja feito de forma sistemática e correcta. O apoio dos Formadores Mestre é importante, especialmente durante as primeiras sessões. O fornecimento das fichas e outro material de apoio é responsabilidade dos Formadores Mestre.



Dinâmicas de grupo

As dinâmicas de grupo incluem todas aquelas actividades, técnicas e metodologias que ajudam a tornar mais animadas as sessões, servem para criar um bom ambiente de aprendizagem, favorecem a participação de todos os membros e melhoram o saber-viver e o saber-ser.



Há muitos tipos de dinâmicas de grupo: de apresentação, de animação, de promoção do aprendizagem, de organização, etc. Os Facilitadores têm de decidir que tipo de dinâmica utilizar. Antes de cada sessão devem preparar bem as dinâmicas dependendo do objectivo a atingir em cada caso.

As dinâmicas podem tomar múltiplas formas: jogos, brincadeiras, dramatizações, exercícios físicos, quebra-cabeças, questões, histórias, canções, provérbios, etc.

Tópico do dia

O terceiro elemento das sessões é o tópico do dia. Cada sessão determina um tópico de interesse especial para o grupo, que é quem decide a temática.

Muitas vezes o tópico do dia está relacionado com a fase das culturas que estão a estudar, mas também podem tratar-se outros temas como nutrição, igualdade de género, VIH-SIDA, micro-financiamento, etc.

Pode-se convidar uma pessoa técnica ou de outras instituições de apoio com experiência para liderar, com o apoio dos Facilitadores, uma ou mais sessões temáticas.



Análise do Sistema Agro-Ecológico



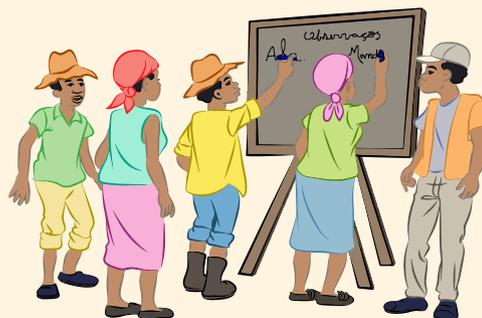
Passo 1 – Observações no terreno. Em grupos de 4-5 pessoas, os membros fazem observações no terreno com base em indicadores de monitoria relacionados com a temática da sessão. Os grupos são geralmente formados para que cada um deles possa trabalhar sobre um aspecto particular do ensaio.

Objectivo: trabalhar a capacidade de observação.



Passo 3 – Apresentação. Cada grupo apresenta os resultados da sua análise em sessão plenária. O resto de membros do grupo ECA devem comentar e perguntar sob as conclusões e recomendações apresentadas, o que exige que os grupos devem defender os seus argumentos de maneira lógica.

Objectivo: trabalhar as capacidade de comunicação.



Passo 2 – Análise e registo de conclusões. Cada grupo prepara um resumo das suas observações, reflexões e análise num formato de registo estruturado que inclui os dados observados, desenhos da situação no terreno e as decisões e recomendações.

Objectivo: trabalhar as capacidades de análise e síntese.



Passo 4 – Discussão de acções. Com base nas informações apresentadas, os membros do grupo ECA alcançam um acordo colectivo sobre as acções de gestão necessárias para abordar os problemas observados no terreno.

Objectivo: trabalhar as competências sociais, de tomada de decisões e a coesão do grupo.

Avaliação da sessão e registo das actividades

Cada sessão deve incluir o tempo necessário para avaliar o decorrer da mesma e registar correctamente as actividades no Caderno da ECA.

Reflectir e interpretar as actividades e os logros atingidos aumenta a compreensão do que se fez e permite melhorar o processo de aprendizagem. A aprendizagem acidental acontece constantemente, mas se é estruturada, conduz sistematicamente a melhores formas de fazer as coisas. Tão importante como experimentar novas soluções é reflectir em como medir o impacto das mesmas.

O Facilitador e o secretário da Comissão de Gestão são os responsáveis de registar as actividades feitas, os pontos de acção destacados e as conclusões de avaliação da sessão.



Actividades adicionais

Para além das actividades básicas, estão planeadas actividades adicionais para reforçar o aprendizagem e para divulgar a metodologia ECA.

Dias de Campo

Os Dias de Campo são eventos em que um ou mais grupos da ECA apresentam ao resto da comunidade, às autoridades locais e a outras instituições as actividades feitas nas ECAs.

É uma ocasião para promover as ECAs na comunidade, mostrando-as de uma forma prática. O encontro com as autoridades locais e outras instituições relevantes permite conhecer o progresso no terreno e pode ser uma ocasião para oficializar pedidos para a criação de novas ECAs.

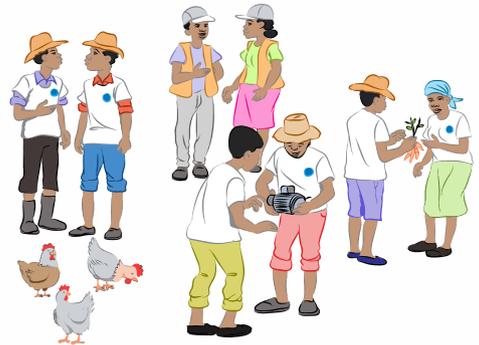
A organização dos Dias de Campo é responsabilidade dos gestores do programa ECA, com o apoio fundamental dos Formadores Mestre e dos Facilitadores.



Troca de experiências e Visitas de intercâmbio

As visitas e trocas de experiências permitem que Facilitadores e membros de diferentes grupos ECA se encontrem, partilhem experiências e discutam soluções.

São ocasiões para intercâmbio e criação de conhecimento, bem como para reforçar as ligações com a rede de profissionais da metodologia ECA. As visitas devem ser consideradas na fase de concepção do programa para assegurar que são levadas a cabo e acrescentam valor ao processo de aprendizagem.







© FAO/Rubén Martínez

5

Monitoria e Avaliação

Monitoria e Avaliação nas ECAs

Este capítulo centra-se na importância e nos aspectos básicos, de desenho e implementação da Monitoria e Avaliação de um programa ECA.



Monitoria e Avaliação: o que são?

Uma Monitoria e Avaliação (M&A) de qualidade é essencial para atingir os objectivos de um programa ECA. Por vezes há confusão entre Monitoria e Avaliação. A Tabela 7 resume as principais diferenças e complementaridades entre as duas.

Monitoria

A monitoria é uma ferramenta de gestão que ajuda a analisar o grau de execução das actividades, de modo a analisar se os resultados obtidos estão em linha com o planificado. Consiste na recolha sistemática e contínua e registo de dados de forma a gerar informação sobre o grau de avanço das actividades das ECAs.

A monitoria é um processo contínuo que deve ser introduzido desde o planeamento do programa ECA e se deve realizar sistematicamente ao longo da implementação.

O objectivo principal da monitoria é garantir a qualidade da aprendizagem e permite a reorientação estratégica para se poder adaptar às circunstâncias que possam surgir.

Avaliação

A avaliação é um conjunto de técnicas e métodos que focam nos resultados e impactos alcançados, tomando como referência os indicadores que articulam os objectivos do programa.

A avaliação é realizada em momentos geralmente pré-definidos durante a implementação do programa. No início, é feita a avaliação de linha de base (ou avaliação *ex-ante*) através do DRP para analisar o ponto de partida.

Durante a execução do programa, podem ser efectuadas avaliações em momentos específicos, tais como no final dos ciclos de aprendizagem ou na

graduação das ECAs. Finalmente, deve ser sempre realizada uma avaliação intercalar e uma final, nas quais é analisado o grau em que os objectivos do programa foram ou não atingidos.

Os processos de avaliação são realizados em base a seis critérios de avaliação:

- **Relevância.** *A intervenção está a fazer o correcto?* A medida em que os objectivos e a concepção da intervenção respondem aos beneficiários, às necessidades, políticas e prioridades globais, nacionais e institucionais.
- **Coerência.** *Em que medida é que a intervenção se adequa?* A compatibilidade da intervenção com outras intervenções no país, sector ou instituição.
- **Eficácia.** *A intervenção está a alcançar os seus objectivos?* A medida em que a intervenção atingiu, ou se espera que atinja, os seus objectivos e os seus resultados.
- **Eficiência.** *Em que medida os recursos estão a ser bem utilizados?* Até que ponto a intervenção produz, ou é provável que produza, resultados de uma forma económica e atempada.
- **Impacto.** *Que diferença faz a intervenção?* A medida em que a intervenção gerou ou se espera que gere efeitos significativos positivos ou negativos, intencionais ou não, além das próprias actividades dela.
- **Sustentabilidade.** *Os benefícios serão duradouros?* A medida em que os efeitos positivos da intervenção se mantêm, ou são susceptíveis de se manter.

O objectivo final da avaliação é analisar se os participantes adquiriram novas competências, conhecimentos e desenvolveram novos processos para melhorar as suas condições de vida.

Monitoria e Avaliação participativa

A metodologia ECA propõe uma abordagem participativa dos processos de M&A envolvendo todos os intervenientes do programa: agricultores membros dos grupos ECA, Facilitadores, Formadores Mestre, gestores do programa, instituições de apoio

e autoridades. Adotar uma abordagem participativa permite melhorar tanto o programa, ao providenciar *feedback* relevante, como o aprendizagem ao dar à comunidade um sentido de responsabilidade e propriedade pelo projecto. Além disso, a M&A participativa fornece informação mais rica que tem em conta as perspectivas e aspirações dos actores ECA.

Monitoria	Avaliação
Diferenças	
Foca no que está a acontecer	Foca no que já aconteceu
É um processo contínuo e rotineiro	Acontece em determinados momentos do programa, geralmente já predefinidos
Observa acções, colecta informações e regista dados	Analisa se os objectivos esperados foram ou estão sendo atingidos
Acompanha e regista a evolução das actividades	Utiliza dados e observações da monitoria para verificar pontos fortes e pontos a serem melhorados
Fornece dados e elementos para colaborar com os momentos de avaliação	Orienta a tomada de decisões e planeamento das actividades
Utiliza Cadernos, Fichas de registo, Guiões, Indicadores e Bases de dados	Envolve Dinâmicas de grupo, Reuniões, Encontros de grupo, Relatórios
Complementaridades	
Clarifica os objectivos do programa	Analisa porque os resultados esperados foram ou não atingidos
Relaciona as actividades e os recursos aos objectivos	Estima as contribuições específicas das actividades quanto aos resultados
Traduz os objectivos em indicadores de desempenho e cria alvos	Examina os processos de implementação
Recolhe dados de forma rotineira sobre estes indicadores, compara resultados reais com alvos	Explora os resultados esperados, mas especialmente analisa aqueles não esperados
Relata o progresso aos gestores e avisa-os dos problemas	Tira as lições, sublinha os sucessos significativos ou o potencial do programa, e oferece recomendações para melhoria

Tabela 7. Principais diferenças e complementaridades entre as actividades de Monitoria e Avaliação.

Sistema orientado a resultados

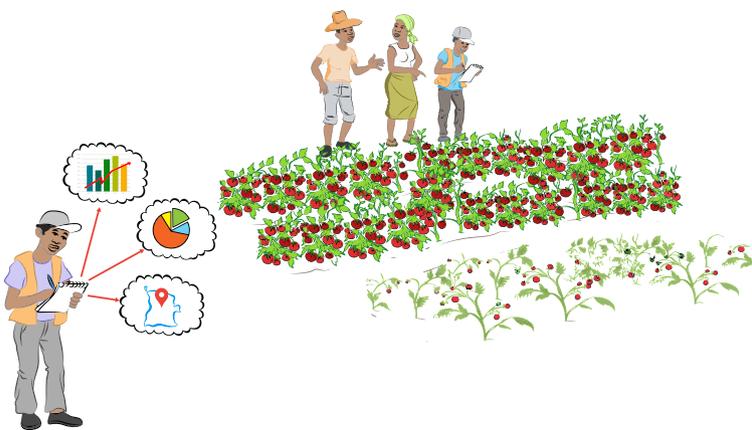
Nos últimos anos, a abordagem de sistemas orientados para os resultados tem sido estabelecida internacionalmente, o que representa uma mudança de foco sobre os resultados e não os insumos.

Esta abordagem permite avaliar o progresso do programa ou intervenção e corrigir quaisquer desvios que possam ocorrer. Além disso, um sistema orientado para os resultados torna possível ligar mais eficazmente a M&A com o desenvolvimento de projectos e/ou políticas e as necessidades orçamentais.

Abordagem de género na M&A

A abordagem de género deve ser integrada em todas as actividades e indicadores de M&A. A nível mais básico, deve ser garantido que os dados sejam recolhidos por sexo e idade, por exemplo, participantes nos grupos ECA, composição dos comités de gestão, FdF, etc.

Além disso, os métodos e ferramentas escolhidos devem ser capazes de incorporar a abordagem de género em todas as suas fases. Sem um controlo adequado, é impossível detectar, abordar e corrigir as desigualdades de género.



Elementos básicos de Monitoria e Avaliação

Não obstante a grande variedade de metodologias de M&A, os elementos básicos comuns a todas elas são o plano de M&A, os indicadores, a matriz de M&A e as ferramentas específicas de cada metodologia.

Plano de Monitoria e Avaliação

O plano descreve a organização e o funcionamento de todo o sistema de M&A: os indicadores, os responsáveis pela sua recolha, as ferramentas e métodos a utilizar, o fluxo de informação entre os diferentes actores do programa, e os pormenores do calendário.

O plano de M&A deve ser desenvolvido com base nos indicadores descritos no quadro lógico do programa ou intervenção e dever dar orientações sobre:

- Que indicadores serão monitorados
- Como monitorá-los
- Quem e com que responsabilidade deve participar na monitoria
- Onde a monitoria será feita (nível local, nacional)
- Com que recursos financeiros, humanos, estruturais, técnicos e logísticos será feita
- Quando e com que frequência serão feitas as actividades de monitoria

Indicadores

Uma boa escolha e definição dos indicadores (Tabela 8) é fundamental para o sucesso dos programas ECA.

Os indicadores devem abranger as quatro dimensões dos impactos das ECAs (humano, social, natural e económico) e devem ser alinhados com cada nível do programa: produtos, resultados e objectivos.

Indicador	“ECAs estabelecidas”
Definição	Número de ECAs criadas e validadas
Propósito	Ter um registo actualizado do número de ECAs criadas e validadas
Linha de base	0
Alvo	150 (50 por Província)
Recolha de dados	Técnicos das EDAs e/ou IDA
Ferramenta	Fichas de validação das ECAs
Meio de verificação	Registos das ECAs, reuniões da unidade de M&A
Frequência	Semanal
Responsável	Técnicos do EDA/IDA; equipa M&A
Relatório	Semanal, feito pelos responsáveis
Controlo de qualidade	Revisão mensal dos dados registados

Tabela 8. Exemplo de descrição completa de um indicador.

Há indicadores quantitativos (podem ser medidos e expressos numericamente, por exemplo, número de ECAs, produção por hectare, rendimento económico, etc.) e qualitativos (difíceis de serem quantificados, são registados através de descrições e interpretações, por exemplo, o entendimento do agroecossistema, o aumento da coesão comunitária, etc.).

Apesar da prevalência de indicadores quantitativos nos sistemas de monitorização, é importante combiná-los com indicadores qualitativos para se obter uma imagem mais completa dos efeitos da intervenção.

Matriz de Monitoria e Avaliação

A matriz de monitoria deve incluir uma lista detalhada dos indicadores definidos em relação aos resultados do programa. A matriz deve conter a definição precisa dos indicadores, como calculá-los, a linha de base e o objectivo final; os responsáveis pela recolha e tratamento dos dados; a frequência da recolha e análise e os meios de verificação. A matriz pode incluir informações complementares, tais como aspectos teóricos ou esclarecimentos adicionais.

DESTAQUE

Indicadores SMART e IOV: o que são?

SMART. O acrónimo SMART refere-se aos critérios que devem orientar a selecção dos indicadores:

- **Específicos:** os indicadores devem medir com precisão o que se quiser saber. Os indicadores têm relação directa com os resultados.
- **Mensurável:** os indicadores devem poder ser contáveis, observáveis e analisáveis. Se não puder ser medido, o progresso não pode ser determinado.
- **Alcançáveis / Atingíveis:** os indicadores são ligados logicamente e estreitamente aos resultados de mudança esperados. Além disso, os indicadores devem ser possíveis no âmbito operacional e de desenho da intervenção.
- **Relevante:** os indicadores devem reflectir de forma válida os resultados da intervenção, garantindo uma relação lógica entre o que o indicador mede e os pressupostos teóricos que orientam a intervenção.
- **Tempo limitado** (referente a um período de tempo): o indicador tem uma frequência de recolha claramente definida.

IOV. O acrónimo IOV refere-se aos Indicadores Objectivamente Verificáveis, ou seja, que a sua verificação não depende dos critérios pessoais do colector de dados.

Ferramentas de Monitoria e Avaliação

Existem muitas ferramentas e metodologias para a recolha de dados de monitorização, com extensa documentação e recursos específicos. No entanto, em geral, podem ser classificadas em quatro tipos principais:

- **Questionários.** Usados nos levantamentos de base e avaliações de impacto. Um levantamento de base adequado é chave para entender o ponto de partida, com base no qual se medirão as mudanças. As avaliações de impacto devem capturar o progresso atingido.
- **Entrevistas.** As entrevistas aos participantes dos grupos ECA, os Facilitadores e outros actores locais são uma fonte muito importante de informação, tanto no início do programa como nos diferentes momentos de monitoria (durante a intervenção) e avaliação (revisão da intervenção).
- **Registos ou fichas.** O registo de informação e dados inclui os Cadernos e os livros de registos das ECAs, a documentação de monitoria dos Facilitadores, Formadores Mestre, gestores de programas, etc. Todos estes registos contêm muita da informação sobre o progresso, estado e resultados dos programas da ECA.
- **Exercícios participativos.** Feitos durante as sessões de aprendizagem e nas sessões de avaliação, os exercícios podem misturar diferentes técnicas para reflectir a percepção e o *feedback* dos participantes e dos próprios actores do programa.

Tecnologias da informação

As tecnologias da informação e comunicação são cada vez mais utilizadas na implementação de sistemas de M&A, tanto na recolha de informação como na sua gestão e análise. Isto é especialmente importante para os programas ECA de grandes dimensões

Sistema de Informação Geográfica

Um Sistema de Informação Geográfica (SIG) é um sistema combinado de *hardware*, *software* e informação espacial que permite a análise, gestão e representação do espaço e o que nele acontece.

Aplicado no contexto dum programa ECA, o SIG permite cartografar diferentes tipos de informação, tais como a posição das ECAs, o mapeamento de recursos (água, solo, etc.) ou a localização de rotas de transporte e outras infra-estruturas.

Estas ferramentas permitem melhorar a análise, planeamento e monitorização do impacto das ECAs no território.

devido à grande quantidade de dados que geram. Ao usar as tecnologias da informação, os Facilitadores e os agricultores podem aceder mais facilmente à informação necessária no terreno.

A FAO tem conduzido iniciativas para desenvolver aplicativos e plataformas móveis de serviços inclusivos de informação e comunicação. Uma das iniciativas e a ferramenta ECAs 1.0, uma plataforma que acompanha aspectos ligados à produção, gestão de fundos para facilitar a transparência em M&A, qualidade de dados e colaboração dentro das equipas. A plataforma, baseada em **Sistemas de Informação Geográfica**, irá fornecer a visualização personalizada das ECAs e mapas temáticos das suas áreas de localização sobre agro-ecologia, hidrografia, solos, etc.

As soluções de M&A baseadas em tecnologias da informação devem contar com a garantia dos gestores de programa ECA, das autoridades públicas e das instituições de apoio para ser sustentáveis uma vez que precisam de recursos humanos, técnicos e financeiros para o seu gerenciamento e manutenção a longo prazo.

Actores na Monitoria e Avaliação das ECAs

Os principais actores na M&A são agricultores, Facilitadores, Formadores Mestre e equipas de gerenciamento dos programas ECA, ou seja, o pessoal das EDAs e o IDA, com o apoio técnico do governo e outras instituições. A definição de responsabilidades e a governação específica do sistema de M&A deve ser feita na fase de preparação do programa.

Os Facilitadores e os agricultores são a primeira e principal componente do sistema de M&A. Eles é que estão directamente no terreno e são responsáveis da M&A do desempenho técnico e pessoal ao longo de todo o ciclo de aprendizagem da ECA. As observações, dados e registos gerados durante a ASAE e as avaliações das sessões de aprendizagem constituem a base do sistema. Os técnicos das EDAs

são responsáveis pelas actividades de M&A dos grupos ECA nas municipalidades e suas comunas. Devem coordenar localmente o registo e levantamento das informações a serem inseridas na base de dados de M&A.

Os Formadores Mestre e os gestores do programa ECA constituem um segundo pilar do sistema de M&A. A sua principal tarefa é fornecer apoio técnico e logístico aos Facilitadores e as EDAs, reforçar as suas capacidades e oferecer formação específica em M&A.

O programa deve investir na criação de um conjunto de ferramentas de apoio, incluindo manuais específicos de M&A traduzidos para as línguas locais, formulários, fichas de monitoria e soluções baseadas em tecnologias da informação.

A interacção entre os actores deve ser regular e ter a flexibilidade necessária em caso de situações imprevistas.

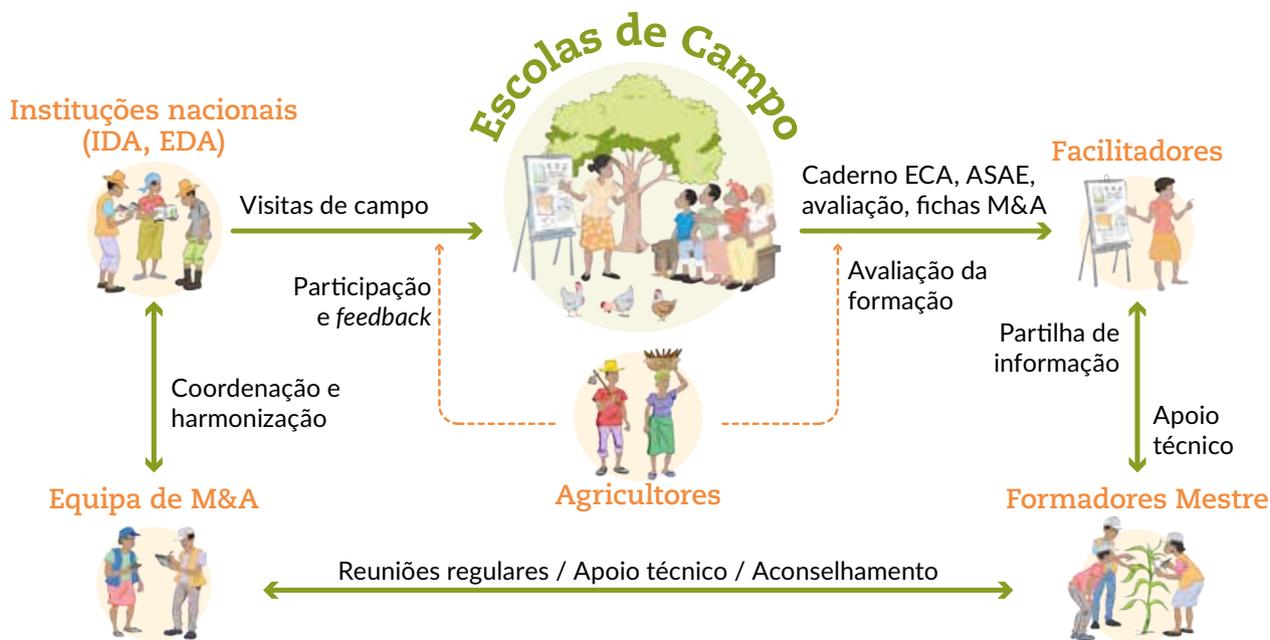


Figura 7. Principais actores e responsabilidades na M&A num programa ECA.

Encontros de balanço nas comunas

As EDAs e os Formadores Mestre devem organizar, ao longo do ciclo de aprendizagem, encontros periódicos focados na M&A das ECAs numa comuna nos que devem ser convidados os membros de todos os grupos.

Nestes encontros se deve identificar o que está a funcionar bem em cada grupo e quais são as limitações, dificuldades e problemas principais enfrentados. As conclusões dos encontros de balanço auxiliam no planeamento das Formações de Refrescamento dos Facilitadores.

Sempre que for possível, os encontros devem ter uma parte prática onde se acompanham experimentos implantados, seja num centro de formação o numa ECA. Idealmente, estes encontros devem ser organizados cada três meses, tendo sempre em conta o número e distribuição geográfica das ECAs.

Rumo a um sistema nacional de M&A ECAs

Um Sistema Nacional deve estabelecer as bases comuns de monitoria, definindo indicadores, metodologias e os principais responsáveis pela recolha, processamento e análise de dados com o objectivo de comparar e contrastar o desempenho e progresso entre as ECA e o sistema como um todo.

Do mesmo modo, deve ser um sistema alinhado com planos e objectivos estratégicos a nível nacional, tais como o Plano de Desenvolvimento Nacional, o Plano Nacional de Investimento Agrícola, Segurança Alimentar e Nutricional ou os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável.







© FAO/César Valencia

6

**Orçamento para
um programa
ECA**

Requisitos orçamentais de um programa ECA

Um programa ECA envolve um importante investimento em recursos humanos, desenvolvimento de capacidades, logística, materiais, equipamento, instalações, pagamentos, M&A e tecnologia.

As despesas para todas as categorias listadas nesta secção devem ser antecipadas e orçamentadas.



Pessoal	
Formação de Formadores Mestre e Facilitadores	Honorários e subsídios dos formadores – normalmente deverá haver um mínimo de dois Formadores Mestre assistidos por peritos técnicos contratados por um curto período.
Outras formações	Honorários e subsídios dos formadores e outras pessoas capacitadas.
Implementação das ECAs	Ajudas de custo no campo para os Facilitadores – em espécie ou dinheiro (se adequado).
Coordenação e apoio técnico	<p>Pessoal de apoio ao programa: coordenador do programa, consultor técnico, oficial de M&A, etc., se for o caso.</p> <p>Apoio aos Formadores Mestre: contratação a tempo inteiro/parcial de acordo com o tamanho do programa.</p> <p>Perito técnico: varia consoante subsídios de deslocação apenas em taxas diárias.</p> <p>Apoio administrativo: (dependendo da escala do programa) motoristas, secretários, apoio administrativo e financeiro, etc.</p>
Monitoria e Avaliação	<p>Oficial de M&A caso adequado/possível.</p> <p>Inquiridores de levantamentos (se adequado), contratação de perito externo (pesquisa), entrada e análise de dados.</p> <p>Ajudas de custo no campo para pessoal incluindo do governo, se adequado.</p>

Tabela 9. Resumo não exaustivo dos principais custos relacionados com o pessoal de um programa ECA.



Viagens

Formação de Formadores Mestre e Facilitadores	Viagens de participantes, Formadores Mestre, pessoal de apoio e peritos convidados, visitas de campo, subsídio adicional para os participantes, visitas de troca de experiências e viagens.
Outras formações	Viagens de participantes e formadores para o local de formação.
Implementação das ECAs	Visitas de troca de experiências, subsídio de deslocação aos locais para participantes (se for distante).
Coordenação e apoio técnico	Alocação suficiente para cobrir custos de viagens de campo.
Monitoria e Avaliação	Valor suficiente alocado para visitas frequentes a grupos de ECAs.

Tabela 10. Resumo não exaustivo das principais despesas de viagem num programa ECA.



Formação

Formação de Formadores Mestre e Facilitadores	Local de formação – alojamento, dias de campo/viagens de estudo, custos de graduação e certificados.
Outras formações	Local e alojamento, se aplicável.
Implementação das ECAs	Dias de campo, graduação e certificados, refrescos durante as sessões, aluguer dos campos experimentais (se aplicável).
Coordenação e apoio técnico	-
Monitoria e Avaliação	Formação de inquiridores, encontros para consultas. Seminário inicial para desenvolvimento do quadro de M&A. Conforme necessário, seminários em M&A (p. ex. cursos de reciclagem em M&A para facilitadores). Encontros periódicos para revisão e partilha de informação.

Tabela 11. Resumo não exaustivo das principais despesas relacionadas com actividades de formação de um programa ECA.



Equipamento e materiais

Formação de Formadores Mestre e Facilitadores	Insumos para campos de ensaios, aluguer do campo (se necessário), consumíveis para formações e grupos de prática.
Outras formações	Material didáctico (painéis e canetas, cadernos, etc.)
Implementação das ECAs	Material didáctico (painéis e canetas, cadernos, etc.), materiais para os ensaios experimentais (insumos e ferramentas), kits de observação de grupo (fita métrica), contribuição inicial para actividade de geração de rendimentos.
Coordenação e apoio técnico	Material informático, impressoras, telefones, tablets, etc., de acordo com as necessidades.
Monitoria e Avaliação	Tecnologias da informação e outras ferramentas de recolha/análise de dados incluindo <i>software</i> , contribuições do grupo/material de escritório para Monitoria e Avaliação participativas.

Tabela 12. Resumo não exaustivo das principais despesas relacionadas com equipamento e materiais.



Aspectos adicionais

Formação de Formadores Mestre e Facilitadores	Apoio administrativo para logística e documentação, coordenação.
Outras formações	Apoio administrativo para logística e documentação, coordenação.
Implementação das ECAs	Bonés, camisolas, etc. (se adequado).
Coordenação e apoio técnico	-
Monitoria e Avaliação	Documentação, impressão e divulgação.

Tabela 13. Resumo não exaustivo das despesas adicionais incorridas em programas ECA.



Representação da FAO em Angola

Ministério da Agricultura e Pescas

www.fao.org



Organização das Nações Unidas
para a Alimentação e a Agricultura

A Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) é uma agência especializada das Nações Unidas que lidera os esforços internacionais para erradicar a fome no mundo.

O nosso objectivo é alcançar a segurança alimentar para todos e garantir que as pessoas tenham acesso regular a alimentos de boa qualidade suficientes para terem uma vida activa e saudável. Com 194 Estados Membros, a FAO trabalha em mais de 130 países em todo o mundo. Acreditamos que todos podem desempenhar um papel na erradicação da fome.

Junte-se a nós na criação de um mundo #FomeZero.

